



**INSTITUTO DE HUMANIDADES - IH**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM SOCIOLOGIA**

ANTÓNIO DOMINGOS CANDIENGUE

**O ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS EM ANGOLA: PENSAR A PARTIR DA  
CONSTRUÇÃO DE PENSAMENTO SOCIOLÓGICO ANGOLANO**

REDENÇÃO - CE

2021

ANTÓNIO DOMINGOS CANDIENGUE

**O ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS EM ANGOLA: PENSAR A PARTIR DA  
CONSTRUÇÃO DE PENSAMENTO SOCIOLÓGICO ANGOLANO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em formato de monografia apresentado ao Curso de licenciatura em Sociologia, vinculado ao Instituto de Humanidades (IH), da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Sociologia.

Orientador. Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho

REDENÇÃO - CE

2021

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
Sistema de Bibliotecas da UNILAB  
Catalogação de Publicação na Fonte.

---

Candiengue, António Domingos.

C223e

O ensino das Ciências Sociais em Angola: pensar a partir da construção de pensamento sociológico angolano / António Domingos Candiengue. - Redenção, 2021.  
57f: il.

Monografia - Curso de Sociologia, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção, 2021.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho.

1. Ciências Sociais - Estudo e ensino. 2. Sociologia. 3. Angola. I. Título

CE/UF/BSP

CDD 300

---

## TERMO DE APROVAÇÃO

ANTÓNIO DOMINGOS CANDIENGUE

### O ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS EM ANGOLA: PENSAR A PARTIR DA CONSTRUÇÃO DE PENSAMENTO SOCIOLOGICO ANGOLANO

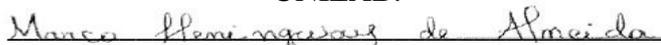
Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado em formato de monografia do Curso de Licenciatura em Sociologia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira como requisito para à obtenção do grau de licenciado em Sociologia.

#### BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho

Orientador - Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira  
UNILAB.

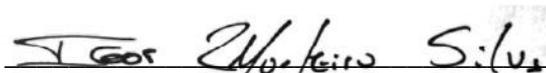


Marco Hemingway de Almeida (Ministério da Cultura e Turismo de Angola)



Prof. Dr<sup>a</sup> Joana Elisa Röwer

Professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -  
UNILAB.



Prof. Dr. Igor Monteiro

Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira -  
UNILAB.

A minha mãe de feliz memória, e a toda  
minha família e amigos dedico este labor.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus Pai todo poderoso, pelo dom da vida e pela sabedoria do alto que inspira a alma meu ser. A minha eterna família, aos meus irmãos, os meus votos de gratidão pelo vosso incondicional apoio e carinho nessa grande jornada do saber.

A todos quanto acreditaram e investiram em mim, a minha gratidão por tudo. A minha gratidão também ao meu pai Amândio Cassinda e ao meu tio Afonso Sune, ao meu irmão Higino Satwala e a Rosa Manuel. Aos meus amigos(as), escuteiros, colegas e benfeitores do saber a minha gratidão.

A minha gratidão também ao Hernane António Gaspar Gabriel, meu irmão e amigo de longa data e de nobres aventuras, aos meus companheiros de luta Hamilton Francisco Catraio Nhime, ao Paulino Lopes, ao António Kalenda Dilukila, ao Laurindo Virgílio Rafael e ao Ireclene António Domingos pela confiança, força e pelos longos anos de partilha do mesmo teto em Redenção, CE – Brasil.

Agradeço também e de modo especial a banca examinadora na pessoa do ilustre Marcos Hemingway de Almeida, Professora Dra. Joana Elisa Röwer, Professor Dr. Igor Monteiro e de modo particular o meu orientador Professor Dr. Ricardo Ossagô de Carvalho, por ter a sabedoria de conduzir este labor que hoje se torna um facto nesta casa magna do saber e de integração dos países da CPLP.

Portanto, as palavras são escassas para exprimir os meus votos de gratidão por tudo e por todas as coisas que ao longo destes anos de formação fomos vivenciando no seu todo. Contudo, resta-nos apenas dizer, obrigado a todos pelo carinho e dedicação.

Obrigado a Unilab e a todos quanto se preocupam com o saber.  
O meu muito obrigado.

“Se tiver o hábito de fazer as coisas com alegria  
raramente encontrará situações difíceis”

**(Robert Baden-Powell)**

## RESUMO

O presente trabalho é uma análise de natureza qualitativa sobre, “o Ensino das Ciências Sociais em Angola: pensar a partir da construção de Pensamento Sociológico Angolano”, fundamentado na construção de saberes para a formação de um possível Pensamento Sociológico Angolano propriamente dito, e discutido a partir da perspectiva dos escritos sociológicos e das ciências sociais de escritores maioritariamente africanos, de modo a pensar o ensino destas ciências (Sociologia) em Angola a partir do “eu”, e do olhar local e nativo, bem como a construção de um possível Pensamento Social Angolano que reflita em si a essência dos fenômenos e fatos sociais da teoria empírica da realidade social dos *musseques* e *guetos* do território angolano enquanto espaço de construção de relações sociais complexas. Pois, pensar as Ciências Sociais em Angola e em particular o ensino da Sociologia, é revolucionar as epistemologias do ocidente e modernizar os saberes científicos dependentes do saber colonial onde as universidades e os demais organismos de ensino são os agentes construtores destes novos saberes sobre o social, e a transformação destes saberes em autênticos núcleos de projeção e produção das Ciências (Sociologia), e do Pensamento Sociológico pensado sobre e para o estrato social da realidade cotidiana de Angola. Tanto que a desconstrução destes saberes ideológicos, dependem sistematicamente de novos paradigmas epistemológicos do fazer e do pensar empírico e teórico do social embasado pela lógica racional da visão crítica e acríica da Sociologia e do ofício do sociólogo no cotidiano, se atendo sempre as especificidades e as particularidades do local.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino das Ciências Sociais; Pensamento Sociológico Angolano; Sociologia; Angola.

## **ABSTRACT**

The present work is an analysis of a qualitative nature on, "the Teaching of Social Sciences in Angola: a look at the construction of Angolan Sociological Thinking", based on the construction of knowledge for the formation of a possible Angolan Sociological Thought itself, and discussed from the perspective of sociological writings and the social sciences of mostly African writers, in order to think about the teaching of these sciences (Sociology) in Angola from the "i", and from the local and native gaze, as well as the construction of a possible Angolan Social Thought that reflects in itself the essence of the phenomena and social facts of the empirical theory of the social reality of the musseques and ghettos of the Angolan territory as a space for the construction of complex social relations. For, to think about the social sciences in Angola and in particular the teaching of Sociology, it is to revolutionize the epistemologies of the West and modernize the scientific knowledge dependent on colonial knowledge where universities and other teaching bodies are the agents that construct this new knowledge about the social, and the transformation of this knowledge into authentic nuclei of projection and production of sciences (Sociology), and sociological thought about and, for the social stratum of the everyday reality of Angola. So much so that the deconstruction of this ideological knowledge, depend systematically on new epistemological paradigms of doing and empirical and theoretical thinking of the social based on the rational logic of the critical and uncritical view of sociology and the sociology of the sociologist in daily life, always adapting the specificities and particularities of the place.

**KEY WORD`S:** Teaching of Social Sciences; Thinking Sociological Angolan; Sociology; Angola.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Quadro 1</b> – Desafios dos PALOPs para a produção científica .....	13
<b>Quadro 2</b> – Áreas de formação do Ensino Médio em Angola .....	25
<b>Quadro 3</b> – Sociologia em Angola .....	44
<b>Quadro 4</b> – Agentes de interdependência para a compreensão da realidade social .....	51
<b>Tabela 1</b> – Estudantes com idade estimada para o Ensino Médio .....	26
<b>Tabela 2</b> – Mapeamento da Sociologia em Angola .....	27
<b>Tabela 3</b> – Universidades Públicas de Angola até 2019 .....	32
<b>Tabela 4</b> – Institutos e Escolas Superiores Públicas de Angola até 2019 .....	33
<b>Tabela 5</b> – Universidades Privadas de Angola até 2019 .....	34
<b>Tabela 6</b> – Institutos Superiores Privados na Província do Bié até 2019 .....	35
<b>Tabela 7</b> – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província de Benguela até 2019 .....	36
<b>Tabela 8</b> – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província de Cabinda até 2019 .....	36
<b>Tabela 9</b> – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província do Huambo até 2019 .....	36
<b>Tabela 10</b> – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província da Huíla até 2019 .....	37
<b>Tabela 11</b> – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província do Kuando-Kubango até 2019 .....	37
<b>Tabela 12</b> – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província do Kwanza Sul até 2019 .....	37
<b>Tabela 13</b> – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província de Luanda até 2019 .....	38
<b>Tabela 14</b> – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província de Malanje até 2019 .....	39
<b>Tabela 15</b> – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província do Moxico até 2019 .....	39
<b>Tabela 16</b> – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província do Uíge até 2019 .....	40
<b>Tabela 17</b> – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província do Zaire até 2019 .....	40
<b>Tabela 18</b> – Percentual da Sociologia nas IES por província até 2019 .....	40
<b>Gráfico 1</b> – Sociologia nas IES em Angola .....	41

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

A.A.S.A	Associação dos Antropólogos e Sociólogos de Angola
IES	Instituição de Ensino Superior
IH	Instituto de Humanidades
INE	Instituto Nacional de Estatística
INIDE	Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação
MED	Ministério da Educação
PALOPs	Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa
RAS	Revista Angolana de Sociologia
SASO	Sociedade Angolana de Sociologia
TCC	Trabalho de Conclusão do Curso
UAN	Universidade Agostinho Neto
UNILAB	Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>6</b>
<b>2. O ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS NOS PALOPs.....</b>	<b>11</b>
<b>2.1 O ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS EM ANGOLA.....</b>	<b>15</b>
<b>3. SOCIOLOGIA EM ANGOLA .....</b>	<b>21</b>
<b>3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA SOCIOLOGIA EM ANGOLA .....</b>	<b>22</b>
<b>3.2 O ENSINO DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO .....</b>	<b>23</b>
<b>3.3 O ENSINO DA SOCIOLOGIA NO ENSINO SUPERIOR E ANGOLA .....</b>	<b>30</b>
<b>3.4 CRÍTICA A SOCIOLOGIA ANGOLANA E A PRODUÇÃO DE SABERES .....</b>	<b>41</b>
<b>4. UM OLHAR À CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO ANGOLANO.....</b>	<b>48</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>53</b>
<b>6. REFERÊNCIAS.....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O ensino das Ciências Sociais nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa (PALOPs), e em particular da Sociologia em Angola constitui um grande desafio sociológico de construção da epistemologia do saber endógeno na África lusófona, e uma grande preocupação social do fazer científico, e do produzir o conhecimento próprio para pensar a realidade e a racionalidade social dos PALOPs, e de Angola enquanto “*gueto*<sup>1</sup>” e “*musseque*<sup>2</sup>” capaz de emancipar e de cumprir a função potencializadora de transformação da sua conjuntura teórico-social, e configurar novas tendências epistêmicas de saberes sociológicos abertos aos novos campos de produção cognitiva em Sociologia que projete o país para um movimento dialógico e contínuo dos agentes e sujeitos para a construção de “Pensamentos Sociológico Angolano”.

Porém, pensar o ensino das Ciências Sociais em Angola e em particular da Sociologia nos *guetos* e nos *musseques*, é no entanto revolucionar a epistemologia do ocidental e criar alternativas do estudo do social da África lusófona, do país, do *gueto* e dos *musseques* a partir de uma teoria empírica própria e originária, local e metódica da realidade social angolana fundamentada pela produção de saberes epistêmicos próprios do contrato social e da pesquisa científica que reflita o fazer e o pensar a realidade local dos *guetos* e *musseques*, de modo a reafirmar o seu aporte sistematizado do conhecimento da realidade social de Angola no seu todo.

Tanto que, o processo de ensino e de produção de conhecimentos em Ciências Sociais e da Sociologia a nível das academias locais e dos projetos de pesquisa, requerem em si, a emancipação epistêmica e a liberdade catedrática do fazer e do pensar o social, e o compromisso cerrado com o investimento do capital humano, da indústria acadêmica, e sobretudo, a entrega contínua dos pesquisadores, dos acadêmicos, dos cientistas sociais e dos sociólogos para a produção eficaz de saberes que reflitam a realidade identitária<sup>3</sup>, os fenômenos e os fatos sociais

---

<sup>1</sup> *Gueto ou guetos*, designa geralmente bairros periféricos que apresentam condições sociais e econômicas precárias, construções não urbanizadas, difíceis vias de acesso ao interior dos bairros e ruas, normalmente caracterizado pelos mercados informais, predominantemente dominado por mulheres.

<sup>2</sup> *Musseques* designa as zonas periurbanas que por sinal também apresentam algumas dificuldades sociais e econômicas. Tanto que, os *guetos* estão dentro ou mas além destas zonas periurbanas.

Entretanto, as palavras *guetos* e *musseques*, são empregues neste trabalho para designar o lugar dos corpos enquanto sujeitos produtores da vida social independentemente desta se dar na zona urbana, periurbana ou rural.

<sup>3</sup> Neste trabalho, nos distanciamos taxativamente da ideia corriqueira de identidade, da ideia popular de identidade nacional que nos remete ao sentimento de superioridade, ao patriotismo e ao etnocentrismo. A ideia a que nos remetemos aqui, é no sentido de apreciar a lógica harmônica de características de um todo abstrato dos indivíduos.

do cotidiano local angolano como resultado de relações sociais construídas no contrato social dos *musseques* e dos *guetos*.

Assim, o Ensino da Sociologia em Angola e nos restantes países dos PALOPs, passa a ser o instrumento de equalização do social entendido como forma de compreender as relações sociais construídas no concurso das ações dos sujeitos dentro das estruturas sociais do seu todo complexo. Tanto que a angolanidade<sup>4</sup> do pensamento sociológico dos nossos *guetos* e *musseques*, passa em compreender e discutir profundamente a Sociologia a partir dos seus condicionamentos sociais a nível local.

No entanto, o estudo e o Ensino das Ciências Sociais e da Sociologia em Angola, provoca em nós debates sociológicos extremamente profundos, e desperta em nós a necessidade de estudar, de fazer e de questionar o social, e o pensar a teoria da realidade do pensamento sociológico angolano no presente, tendo em conta a realidade do social e do fazer o social que não restringe o pensar e o fazer científico, nem tão pouco o ofício de sociólogo. Tanto que, a ciência está em constante evolução e ao mesmo tempo causa grandes impactos sociológicos na construção e compreensão das relações sociais entre os seus agentes e atores sociais. E para isto, é fundamental, no entanto, que a educação se mantenha firme, clara e inclusiva de modo a pensarmos em sociedade os valores da angolanidade na conjuntura global.

E o que nos interessa à construção do pensamento sociológico angolano é a essência da coisa que reflita em si os fenômenos e fatos sociais da realidade cotidiana de Angola, dos seus *guetos* e dos *musseques* que formam o todo social e complexo do país. Para tanto, é preciso penetrar na realidade social angolana para se produzir saberes científicos independentes que emancipem o país, os valores da angolanidade e o continente africano na sua generalidade. E isto só é possível se haver a nível do pensar local a separação da prática “política” com a produção de saberes no seu dia-a-dia de modo a não se marginalizar o ensino das Ciências Sociais e em particular da Sociologia.

Tanto que Angola é um campo aberto e especial para a construção do pensamento sociológico local, de modo a compreendermos por exemplo, o comportamento social dos angolanos e angolanas no seu dia-a-dia, o impacto do conflito armado que Angola viveu durante três décadas, os dezanove anos de paz efetiva que Angola vive hoje, a crise econômica que Angola vive hoje, o surgimento ou não de elites políticas/ econômicas, a marginalização da periferia, a estigmatização social, a violência simbólica exercida sobre as massas, alternância

---

<sup>4</sup> A palavra “angolanidade” no caso concreto, exprime um todo conjunto abstrato de características nativas do indivíduo em exprimir e pensar a realidade social do mundo que o envolve no seu quotidiano. Mas, para os outros campos do saber, a palavra é susceptível de várias denotações interpretativas mediante o olhar do seu interesse.

de poder, o direito de cidade, etc., são aspetos que levam-nos a construção de um pensamento sociológico que faz e pensa o todo complexo de relações sociais criadas pelos “corpos” e nos corpos.

Assim, os desafios para África lusófona e em particular para Angola, são enormes por haver dentro dela, grande influência da herança colonial na construção de seus saberes locais e nativos. E no entanto, é viável implementar nos nossos Estados, formas próprias e nativas para pensar o ensino das Ciências Sociais e da Sociologia em particular. Tanto que, em Angola temos um espaço e uma pátria bastante rica para a construção e interpretação sociológica.

E é neste sentido, que precisamos pensar e produzir saberes locais e nativos para compreender o processo de construção de um pensamento político, sociológico e filosófico originário de construção de um Estado-nação que enfrenta os desafios epistemológicos de novos saberes em Angola e nos PALOPs.

Assim, o objeto em estudo, justifica-se por estudar sempre Ciências Sociais ao longo da minha vida acadêmica, pelas inúmeras discussões feitas nas disciplinas que constituem a grade curricular do Curso de Licenciatura em Sociologia da Unilab<sup>5</sup>, pela escassez de saberes e bibliografias do Ensino das Ciências Sociais (Sociologia) em Angola e pela ausência de um possível “Pensamento Sociológico angolano” que pense o “estudo do pensar e do fazer o social” do país para a construção de um pensamento social angolano, a compreensão da realidade social dos *musseques* e *guetos* que formam suas estruturas sociais, tendo em conta suas especificidades, e por outro lado, por haver a necessidade de construir saberes susceptíveis de emancipação do conhecimento em África e em particular em Angola.

Porém, a pertinência deste escrito, consiste em diminuir levemente a escassez do referencial bibliográfico e teórico do objeto em estudo, e em despertar os cientistas sociais, sociólogos, acadêmicos e pesquisadores angolanos a debruçarem-se sobre o assunto no país e na diáspora, pensando e repensando o caminho que se pretende atingir com a Sociologia produzida ou não dentro de Angola e para os angolanos, bem como para a África e para o mundo.

Neste sentido, a pretensão deste escrito, consiste na construção de um possível campo científico de “Pensamento Sociológico” propriamente angolano, partindo de preposições teóricas e metodológicas da realidade social angolana, dos *guetos* e *musseques* fundamentada no Ensino das Ciências Sociais e da Sociologia em Angola.

---

<sup>5</sup> Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – Unilab, criada pela Lei nº 12.289, de 20 de julho de 2010, e instalada aos 25 de maio de 2011, com sede em Redenção-Ce.

Tanto que, este trabalho monográfico é escrito a partir de um olhar do “eu”, de um pensar “Sociológico Angolano” visto a partir da dimensão de um todo complexo, de um olhar exterior de colonizado, excluindo o “branco” do pensar social próprio de Angola no sentido de emancipar o saber científico tendo em vista conceitos e visões nativas vistas a partir do olhar local e da angolidade. Pois, olhar desta forma, estaremos nós a olhar e a pensar na preparação da realidade científica angolana para que as gerações vindouras não sofram na construção da realidade social angolana e do possível pensar sociológico de que Angola precisa para revolucionar o dito “saber ocidental” sobre o *gueto* e sobre os *musseques* que refletem o campo aberto para o ofício de sociólogo não engravatado, do sociólogo de gabinete, sociólogo de mídias ou “*show off*”.

Assim, prepusemo-nos com esse Pensamento Sociológico Angolano, entender as possíveis abordagens sociológicas elaboradas e fundamentadas pela configuração social do contexto angolano no presente para pensar a Sociologia do futuro refletida no agora e na realidade social, cultural, político e econômico do país, observando suas especificidades locais.

E diante destas preocupações, questionamo-nos que impacto tem o Ensino das Ciências Sociais em Angola para a produção de saberes epistêmicos locais em Sociologia? Como pensar uma Sociologia emancipadora para a construção de uma Angola renascida na modernidade científica? Que saberes são tidos ao pensar uma possível teoria sociológica angolana para se compreender o substrato social dos *guetos* e *musseques* d`Angola contemporânea? Que desafios são colocados pelo ensino das Ciências Sociais e da Sociologia em Angola?

Porque razão os sociólogos angolanos não produzem saberes e novas epistemologias que reflitam o pensamento sociológico angolano? Será que isto se dá por haver uma cultura oral muito forte em África? Ou porque a oralidade acadêmica tem mais expressividade na produção de saberes?

Será que a produção de saberes está condicionada às academias ocidentais por onde estes sociólogos se formaram, ou o condicionamento político lhes impôs a esta situação de vulnerabilidade de produção de saberes? Tanto que Angola tem uma tradição, uma cultura e uma diversidade social complexa que precisa ser (re)pensada a partir de um olhar sociológico

---

<sup>6</sup> A palavra *Show off*, é aqui aplicado, como a designação de profissionais que vivem chamando atenção ao em vez de exercerem o seu ofício de sociólogo, jurista ou qualquer outra área do saber vocacionado ao estudo da realidade social dos nossos *guetos* e *musseques*. É no entanto, a expressão que usamos para designar os profissionais fazedores de opiniões encomendadas ou de gabinetes político-ideológico.

próprio dos académicos angolanos e do olhar profissional da Sociologia para o exercício do ofício de sociólogo.

Como hipóteses, sustentamos que pensar o Ensino das Ciências Sociais e em particular da Sociologia numa Angola extraída da angolanidade, dos *musseques* e dos *guetos*, é conduzir o nosso olhar de sociólogo para uma vivência de gabinetes que conduz o ofício de sociólogo para o poder e para a política que reprime a construção de um pensamento sociológico próprio capaz de indagar a realidade social, política, cultural e económica do país. Tanto que, não é missão do sociólogo satisfazer o poder político e a violência simbólica, mas é sua missão exercer o seu ofício de sociólogo para analisar a conjuntura do mundo social que a realidade cotidiana lhe envolve e lhe impôs.

É missão do sociólogo e da Sociologia, reportar o todo complexo da teoria empírica da realidade social dos *musseques* e *guetos* do país à Ciência para a construção de novas epistemologias, que fundamentem e analisem com o olhar específico às particularidades locais e nativas da realidade social de Angola.

Pois, reportar teoricamente esta complexidade empírica da realidade social angolana, implica sair dos gabinetes, dos corpos engravatados, dos estudos por encomendas e ir ao campo do ofício, implica ir a ação do fazer e do pensar o cotidiano social dos nossos *musseques* e *guetos* excluídos hipoteticamente na construção de saberes endógenos para se pensar as particularidades políticas, económicas e sociais dos povos e dos espaços sociais que formam o Estado angolano.

Assim, é desafio nosso enquanto cientistas sociais e sociólogos, enfrentar a crise científica local para a construção de um possível “Pensamento Sociológico Angolano” que agregue em si valores endógenos e exógenos da angolanidade, da realidade social dos *guetos* e *musseques* da nação angolana.

Por tanto, para dar corpo ao trabalho, faremos uma abordagem de natureza qualitativa por este permitir a utilização de métodos múltiplos e flexíveis à investigação científica.

Pois, é o método que garante ao sujeito pesquisador a precisão e a objetividade do estudo dos fatos sociais, Gil (2010). Assim, a metodologia é enquanto caminho, a “aplicação de procedimentos e técnicas que devem ser observadas para construção do conhecimento, com o propósito de comprovar sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociedade” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 14). Tanto que a sociedade segundo Durkheim (2012, p. 9), “é dotada de uma natureza própria, seu estudo deve ser a aplicação de métodos experimentais a fatos sociais”. E no entanto, “em virtude deste princípio, a sociedade não é uma simples soma de indivíduos, mas o sistema formado por sua associação representa uma

realidade específica que tem suas características próprias” (DURKHEIM, 2012, p. 114), que devem ser compreendidas e indagadas a partir de uma visão crítica e não crítica do ensino das Ciências Sociais em Angola e em particular da Sociologia.

Quanto ao objeto, consideramos a pesquisa bibliográfica e documental. Quanto aos objetivos, consideramos a pesquisa exploratória e descritiva, e quanto aos procedimentos metodológicos consideramos a pesquisa documental e bibliográfica, fazendo no entanto o uso e a busca empírica de artigos, documentos, e livros de autores majoritariamente africanos e, não africanos, bem como a aplicação de um questionário com duas questões previamente elaboradas a 50 estudantes angolanos criteriosamente selecionados nos cursos de Humanidades e de Sociologia da Unilab para o mapeamento do Ensino da Sociologia nas escolas do Ensino Médio em Angola. Tanto que, Angola<sup>7</sup> é um Estado africano independente da ação colonial portuguesa aos 11 de Novembro de 1975 a quando da proclamação da Dipanda Nacional.

Portanto, para a abordagem teórica, estruturamos o trabalho em três grandes momentos que consistem num primeiro instante na abordagem da questão do Ensino das Ciências Sociais nos PALOPs, no segundo momento abordaremos o quesito do Ensino da Sociologia em Angola e por fim faremos incursão reflexiva a questão da construção de um possível Pensamento Sociológico propriamente angolano.

## 2 O ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS (SOCIOLOGIA) NOS PALOPs

O Ensino das Ciências Sociais na África lusófona, e no caso concreto da ‘Sociologia’ enquanto disciplina curricular (ou curso) nos seus mais variados níveis de ensino, constitui uma discussão complexa por envolver especificidades particulares do pensar e do fazer cotidiano

<sup>7</sup> Angola, é um país africano que conta com uma superfície litoral de 1.650 km e uma superfície total terrestre de 1.246.700 km<sup>2</sup>, e localiza-se na zona da África Austral (zona sul do continente berço da humanidade), limita-se a Norte pela República Democrática do Congo, a Leste pela República da Zâmbia, a Sul pela República da Namíbia e a Oeste pelo Oceano Atlântico. Para tanto, o Estado angolano tem como língua oficial o Português, para além de outras línguas étnicas de origem Bantu (denominadas línguas nacionais) faladas em toda a extensão territorial do país, (VISENTINI, 2012). No entanto, é neste vastíssimo espaço territorial do Estado angolano, que segundo o Instituto Nacional de Estatística (INE), vive uma densidade populacional de um total de 31.127.674, divididos em gênero masculino e feminino. Entretanto, há no país um total de 15.168.180 homens e um total de 15.959.494 mulheres. Portanto, este total (31.127.674) da população angolana, apresenta no seu cotidiano, características demográficas, sociais, culturais, políticas e econômicas muito específicas que precisam ser pensadas e repensadas a partir de um olhar profissional do sociólogo e da ação sociológica do local, e do nativo. Pois, estas especificidades se estendem às dezoito (18) províncias (estados) que formam o Estado angolano, seus municípios, comunas, distritos e bairros (o que denominamos tudo isso de *guetos e musseques* do país).

visto a partir do mundo social do “eu”, do olhar local e nativo sobre a coisa, fenómeno ou facto do dia-a-dia.

Pois, o Ensino Ciências Sociais (Sociologia) em Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, implica de certo modo, um possível belislicamento aos processos de construção de identidade e consolidação das independências nacionais, e ao nacionalismo tal como sustentara Mário Pinto de Andrade, Amílcar Cabral, Eduardo Mondlane, etc., e lapidado de forma atual por Carlos Lopes nos seus mais variados textos.

No entanto, em nossa abordagem não é este ponto de vista que nos importa trazer aqui neste escrito, embora “(...) revisitar os processos que deram origem às independências africanas e repensar os percursos pós-independência, parece ser um desafio presente para percebermos a razão da perpetuação de alguns problemas que vivemos ainda hoje no continente” (SILVA, 2015, p. 268), e nas suas mais variadas instituições de ensino, produção e construção de saberes africanos sobre a mãe África, uma vez que maior parte das atividades científicas, pesquisas e produções académicas em Ciências Sociais e em Sociologia de modo específico que são promovidas nos PALOPs, desenvolveram-se e continuam dando os seus passos de forma tímida no seio das universidades, faculdades e institutos superiores locais.

Tanto que, discutir o Ensino das Ciências Sociais nos Palops constitui-se ainda num desafio da modernidade que implica o confronto do fazer a realidade social e epistemológica com a produção de saberes autónomos e autóctones das Ciências Sociais e de modo muito particular da Sociologia, intensificando assim estudos minuciosos e profundos da Sociologia em África e para África. Pois, é este fazer social que nos leva a uma preocupação maior em aceitar a realidade social existente em África para compreendermos o cotidiano académico e problematizar as suas especificidades a partir de uma perspectiva do espaço social, político e económico (AKE, 2016).

Pois que,

“situações como estas conduzem-nos a revisitar os questionamentos cada vez mais frequentemente colocados pelos académicos sobre a nossa responsabilidade perante os desafios do Sec. XXI para o continente Africano e sobre qual o papel a desempenhar pelas Ciências Sociais,” (CRUZ E SILVA, 2015, p. 272).

Para tanto, é neste sentido que a excelência científica em Ciências Sociais e em Sociologia se faz necessário para a construção de uma consciência académica crítica e acrítica, e um certo posicionamento geoestratégico e político da produção de saberes locais que passam a “apresentar novas perspectivas de compreensão da África e dos africanos, numa tendência chamada ‘saber transformador’” (HERNANDEZ, 2005, p. 33). Tanto que as universidades são

por excelência e por mérito, os centros de produção de saberes nos espaços da África lusófona, (CRUZ E SILVA, 2015), intensificando assim, os métodos criativos para o alcance da liberdade de cátedra e a transformação do saber científico para os desafios da modernidade.

Pois,

“a luta contra a letargia que afecta os estudantes e o corpo académico das universidades, deve ser estimulada e intensificada, se quisermos que as IES<sup>8</sup> cumpram a sua Missão em lugar de contribuírem para a erosão de uma liberdade académica que deve ser crítica e construtiva persarmos de forma autonoma o estudo de novas epistemologias” (CRUZ E SILVA, 2015, p. 275).

Assim, “os desafios contemporâneos impõem uma leitura multifacetada, pluridisciplinar e despojada de complexos arcaicos” (LOPES, 1997, p.25). Pois a maior preocupação da Sociologia e das Ciências Sociais passa por identificar processos de transformação da sociedade lusófona africana pela capacidade constante de criarem-se e se recriarem internamente pela produção de novos saberes transformadores que reavaliam o dinamismo de interpretação e observação dos fenômenos estruturados da ciência científica nos espaços lusófonos (HERNANDEZ, 2005)

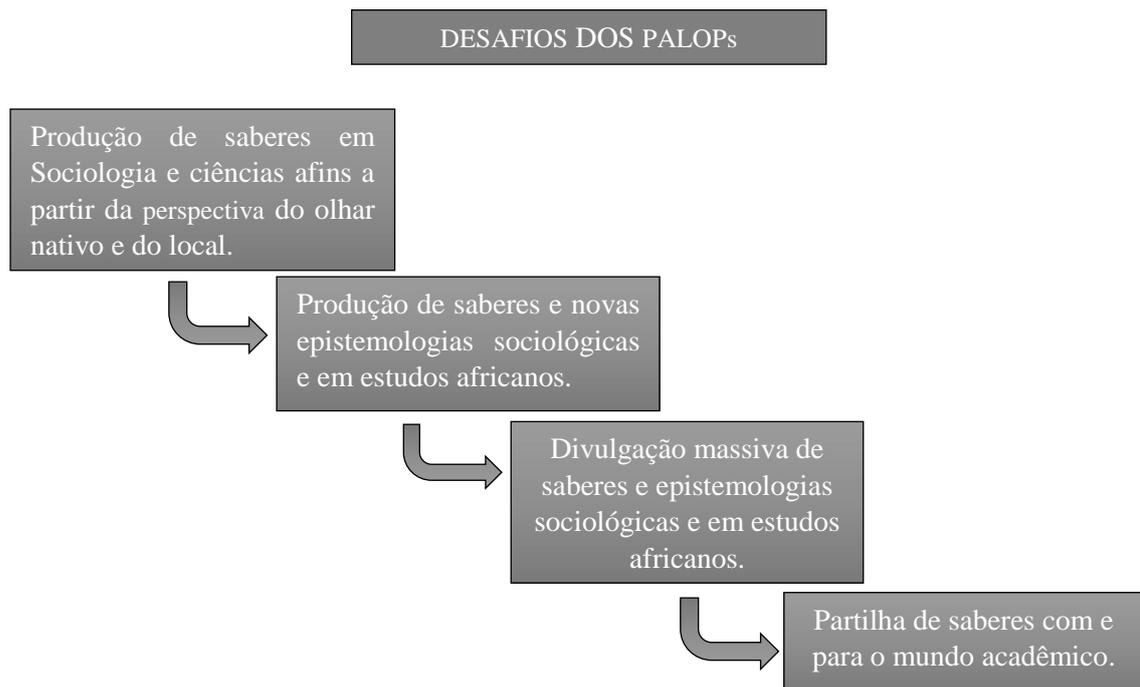
Neste sentido,

“liberdades académicas devem permitir a realização da pesquisa e a disseminação do conhecimento sem deixar de criar espaços de discussão que possibilitem determinar o que pode ou não ser estabelecido como objeto deste mesmo conhecimento, permitindo a livre criatividade e estimulando ideias novas, ” (AKE, 1994, 20, *apud* CRUZ e SILVA, 2015, p. 271).

No entanto, a reavaliação deste dinamismo interpretativo da liberdade acadêmica, pesquisa e a observação dos fenômenos sociais dos PALOPs perpassa pela revisão e produção do conhecimento que potencializa de forma precisa a revolução da reprodução epistêmica em Ciências que busquem estabelecer reflexões profundas e auto questionadoras do mundo social, para a produção de saberes sociais em tempos modernos. Pois, os desafios científicos para a África lusófona passam por estabelecer uma escala de quatro passos como a figura abaixo descreve.

**Quadro 1** – Desafios dos PALOPs para a produção científica.

<sup>8</sup> Instituições de Ensino Superior (IES) da África Lusófona



Fonte: Elaboração própria

Vencer estes passos significa, porém, erguer de forma planejada e sistematizada os novos desafios para a disputa de saberes da África lusófona com o mundo externo da realidade social dos PALOPs, reconfigurando assim, o mercado científico globalizado produzido pelas academias científicas locais e objetivadas para o alcance da igualdade entre os países dos PALOPs e o mundo ocidental. Tanto que, as Ciências Sociais e em específico a Sociologia, tornaram-se numa ferramenta preponderante para a difusão massiva de valores sociais e acadêmicos para compreender o impacto das Ciências Sociais e da Sociologia na modernidade global. Pois que, é fundamental que se legitime o fazer e o pensar científico para a possível problematização do mundo social acadêmico.

Assim;

“para que a educação e a ciência possam realmente ocupar um lugar privilegiado como motores de mudança no processo de luta contra a ‘vulnerabilização’ cada vez mais patente dos países Africanos aos impactos das mudanças globais, não podemos descuidar os aspectos acabados de referir e a necessidade de interrogar o futuro procurando respostas viáveis ” (CRUZ E SILVA, 2015, p. 271).

Portanto, o Ensino das Ciências Sociais e da Sociologia nos tempos atuais, nos obrigam a releitura dos fenômenos da produção científica nos espaços dos PALOPs, ressignificando relações e práticas epistêmicas para a possível produção de saberes sobre a África e para África. Pois, é preciso problematizar o Ensino das Ciências de modo a encontrar respostas dos desafios

globais impostos pelo saber científico. Tanto que a transformação da realidade pensada a partir da vivência social experimentada, determina a nível da academia as condições da educação transformadora em Ciências Sociais e em Sociologia na África lusófona.

## 2.1 ENSINO DAS CIÊNCIAS SOCIAIS EM ANGOLA

O Ensino das Ciências Sociais em Angola como em qualquer parte do mundo, constitui uma dicotomia muito grande por esta abarcar consigo aspetos identitários, políticos, sociais, culturais, económicos e até mesmo por serem consideradas como uma afronta brutal aos mais variados aparelhos dos sistemas governativos e capitalista da atualidade e não só. Para tanto, o ensino das Ciências Sociais em Angola, é uma realidade, mas que abarca consigo vários questionamentos face ao crescimento social, económico, político e cultural de Angola que hoje conta com um total<sup>9</sup> de 31.127.674 de pessoas nas zonas Urbanas e Rurais. Assim, a procura de respostas satisfatórias e necessárias para estes questionamentos, é fundamental em Angola, e não pode estar dissociada da discussão em torno das demais problemáticas referentes à produção, ao capitalismo e apropriação do conhecimento nas Ciências Sociais no seu todo.

Tanto que, é a cultura científica e académica que interfere de modo direto e objetivo na discussão e solução destes questionamentos a fim de desenvolver a produção de saberes em todos os aspetos da realidade social dos *musseques* e dos *guetos* que constituem a estrutura social estruturante e estruturada do país. Pois, ela representa de per si, o vector decisivo e catalizador da modernização do país e do seu desenvolvimento num todo (SILVA, COELHO & SOUTO, 2012).

Assim, pensar as Ciências Sociais hoje em Angola é olhar na pesquisa como uma alternativa do segundo plano do governo e, ou do executivo onde o sujeito académico, o cientista social, o sociólogo não tem o seu olhar científico sobrelegitimado pelos factos e pelos fenómenos sociais da sua realidade social. Portanto, não existindo condições necessárias de produção de saberes e de pesquisa científica formamos meros formadores de opinião, formados engratados, sociólogos e juristas de gabinetes ou então intelectuais do faz de conta.

Precisamos, no entanto, pensadores que reflitam o fazer a realidade e o cotidiano social de Angola para atingirmos o desenvolvimento científico das 31.127.674 pessoas de que Angola precisa, e ao mesmo tempo o fazer cumprir o direito de construção de uma consciência coletiva crítica de pensar e do fazer a ciência a partir do olhar científico da realidade local e nativa dos fenómenos e dos fatos sociais que nos envolvem.

---

<sup>9</sup> Este total, é um dado recolhido em janeiro de 2020 no site oficial do INE (<https://www.ine.gov.ao/>).

Pois, é fundamental que haja a nível local a separação da a atividade científica, da ação política e do capitalismo sobre os cientistas sociais, de modo a construir novos conhecimentos epistemológicos do pensar a realidade, bem como a invenção de uma forma própria de fazer a produção de saberes que reflitam a construção rica de novas epistemologias, de uma nova ideia de sociedade local e do mundo concreto da sua realidade social como alternativas de saberes não ocidentais. E Cardoso (2011) vai mais além ao defender a separação das elites políticas formadas na colonialidade e na pós-colonialidade, de modo que estas elites politicamente violentas e inimigas de novos saberes não ocidentais não exerçam sobre os acadêmicos, pesquisadores, sociólogos e cientistas sociais a sua violência política e simbólica. Pois;

[...] as sociedades e as elites africanas se batem para desconstruir os paradigmas coloniais, têm sido as próprias estruturas e elites políticas pós-coloniais a desenvolverem um certo tipo de violência face às potencialidades de uma epistemologia alternativa, levando a que, em casos extremos, a violência política tenda a destruir as bases culturais e materiais da produção dessa epistemologia alternativa (CARDOSO, C., 2011, p.1260).

Neste sentido, as universidades e os demais organismos de ensino em Angola devem ser os agentes construtores de saberes sobre o social, bem como a transformação destes saberes em núcleos de projeção das Ciências Sociais em Angola. Pois, o ensino destas ciências, terá por objetivo, criar no indivíduo a capacidade crítica sobre o fazer social e o diálogo permanente com a realidade e com o domínio social que precisa ser (re)pensado nos saberes científicos. E portanto, isso só é possível se haver nos *guetos* e *musseques* a desconstrução de saberes nos seus mais variados moldes de produção e o confronto destes saberes com a consciência crítica dentro da lógica da modernidade do social angolano e de suas especificidades nativas.

Tanto que, “a produção sistemática de conhecimento social está estreitamente ligada à modernidade e à tendência desta última colocar o indivíduo e o seio social em tensão”, (MACAMO, 2012, p. 9). Como isso, ele aponta que no sentido de produzir condições necessárias e objetivas de saberes que reflitam a atual conjuntura das Ciências Sociais em Angola e a sua produção dentro e fora das academias do saber científico e do fazer o social reflexivo, embora segundo Lauer e Anyidoho (2016), sustentem que existem a nível das nossas sociedades estudiosos, sociólogos, legisladores, cientistas sociais, membros de elites e da classe dominante que estão implementando tentativas habilmente tecidos para promover o capitalismo ao invés da produção de novas epistemologias em Ciências Sociais.

Neste seguimento, precisamos produzir o nosso próprio conhecimento, as nossas próprias novas epistemologias revividas a partir do nosso olhar nativo de modo a termos o

monopólio científico da nossa realidade e do nosso pensar social. Porém, o investimento nas novas epistemologias dos estados africanos (Angola) é fundamental e preciso para a cultura científica de um pensar meramente angolano e insólito.

Para tanto, já existe hoje em Angola uma larga presença das Ciências Sociais e humanas, mas estas, e em nosso entender não correspondem e nem satisfazem a demanda da modernidade social necessária na produção de saberes acadêmicos e científicos na prática, nos *musseques* e nos *guetos*. Porém, o estudo do social angolano é fundamental e indispensável para pensar a produção de saberes e o ensino das Ciências Sociais em Angola, e aqui vimos a necessidade de saberes sociológicos (teorias próprias da sociologia e do pensamento social angolano) para pensar o cotidiano social de Angola, para tanto, e segundo Macamo (2012, p. 19), “o estudo das condições de produção de conhecimentos e da relação que esse conhecimento tem com o social constitui uma das áreas mais interessantes e estimulante da Sociologia”, por esta se interessar com os fatos reflexivos do cotidiano social e da realidade do país visto a partir do olhar do “eu” nativo no seu todo. Tanto que,

“hoje temos em África, nos diversos campos do meio académico, comunidades científicas regionais, sub-regionais e nacionais. Temos universidades e centros de investigação, alguns deles muito bons. Temos excelentes cientistas e investigadores, alguns dos quais com carreiras muito bem-sucedidas. Apesar de todo este progresso, contudo, ainda estamos muito longe de atingir aquele que consideramos ser o nosso objetivo final: um processo autónomo e autoconfiante de produção de conhecimento e de capitalização que nos permita responder às nossas próprias questões e ir ao encontro das necessidades tanto intelectuais como materiais das sociedades africanas” (HOUNTONDJI, 2008, p.157, 158).

Assim, o valor da produção intelectual e a construção de novas epistemologias nativas e do local, se fundamentam nos saberes científicos que refletem a realidade social dos *guetos* e dos *musseques* de forma crítica no sentido de que as universidades locais e os centros de produção científica produzam novas epistemologia do fazer científico, do pensar e do fazer a realidade social e local do cotidiano sustentado pelo olhar nativo e pelo pensamento social crítico não ocidentalizado. Pois, “estamos, assim, perante uma universidade virada para a descolonização da produção do conhecimento e, conseqüentemente, para o desmantelamento de um pensamento hegemónico ocidental” (SILVA, COELHO & SOUTO, 2012, p.77). Tanto que, “é fundamental que haja uma revitalização das universidades e comunidades académicas no continente para que se possam alterar as relações de poder na produção do conhecimento” (SILVA, COELHO & SOUTO, 2012, p.81).

Entretanto, é fundamental que este espírito do pensar e do fazer a realidade local científica dos *guetos* e dos *musseques* de Angola, comece nos mais variados cursos de

graduação em Ciências Sociais e Humanas de modo a ramificar de forma crítica e epistêmica os saberes que reflitam a realidade do pensar e do fazer o social como condição *sine qua non* da produção do conhecimento endógeno. Tanto que, Lauer e Anyidoho (2016) sustentam que,

“eu nunca ouvi falar de algum aluno da graduação que estivesse se especializando em estudos africanos em nenhuma universidade africana. Uma explicação para esta ausência é que no nível da graduação, todos os estudos realizados na África são supostamente estudos africanos. Se o sistema estiver organizado e focado de maneira adequada, estudantes em qualquer lugar supõem o entendimento próprio e o entendimento das suas comunidades imediatas – e, por extensão, de toda a humanidade – como sendo os principais objetos dos seus esforços acadêmicos nas suas diversas disciplinas” (LAUER e ANYIDOHO, 2016, p.1650).

Assim, a educação em Ciências Sociais e Humanas, deve se constituir num processo contínuo que abarque consigo o senso de responsabilidade científica como teoria de descoberta do pensar e do fazer a realidade social angolana, do cotidiano dos *guetos*, dos *musseques* e da identidade social das estruturas estruturantes e das estruturas estruturadas do país. Porém, (re)pensar a descoberta da produção científica no país, e o modo de produção de saberes científicos em Ciências Sociais e Humanas desta realidade na modernidade angolana, requer a participação efetiva e incondicional dos sociólogos, acadêmicos, cientistas políticos, pesquisadores e cientistas sociais na discussão e gestão dos processos científicos com os seus agentes sociais e o diálogo permanente entre o sujeito produtor de saberes científicos vistos e construídos a partir do “eu” da ação reflexiva, do fazer e do pensar a realidade social cotidiana e os fenômenos e fatos sociais.

Para tanto, este diálogo permanente entre os agentes e os atores da produção científica da realidade local e nativa, traz em questão a relação de poder global que se fundamente nos;

1. Sistemas educacionais e sistemas de produção de conhecimento não são apenas alheios ao nosso meio sociocultural, mas também deixam o estudioso local com uma desvantagem considerável no mercado global. Uma dessas personalidades deficientes é o acadêmico africano que ocidentalizado, meio saturado dos modos euro-ocidentais de produção de conhecimento, rejeitado pelo mundo ocidental por não estar bem sintonizado com tendências ocidentais e, portanto, marginalizado juntamente com sua área de especialidade geográfica África. Ele também é considerado na sua própria localidade como alguém que não se encaixa;
2. Nós continuamos a depender de modelos acadêmicos ocidentais para auto avaliação na academia local, uma sequência natural à adoção por atacado de paradigmas ocidentais nas nossas academias;
3. De maneira inversa, o mundo dominado pelo Ocidente sutilmente discrimina sistemas nativos de produção de conhecimento, pois onde no

mercado global se consegue localizar modos de produção de conhecimento “primitivos”? Ainda assim, ao mesmo tempo em que esses sistemas são denegridos, eles são utilizados por mediadores de conhecimento ocidentais como fontes de poder e legitimidade (LAUER e ANYIDHOHO, 2016, p. 136, 137).

No entanto, esta relação de poder entre os agentes produtores de saberes científicos pensados a partir da realidade social quotidiana dos fatos e dos fenômenos sociais em Angola dá-se pelos modelos de reprodução de saberes desconfigurados<sup>10</sup>, onde há a presença de sociólogos de gabinetes com os fundamentos das suas análises feitas e sustentadas sob encomendas de “entes superiores” da “vida política” e do “capitalismo,” deixando de parte o ofício de sociólogo, o olhar social e fenomenológico das periferias, dos *guetos* e dos *musseques* para a construção de um pensamento social propriamente do local e a desconstrução de saberes ditos “hegemônicos” no processo do Ensino das Ciências Sociais e Humanas (Sociologia) para a construção de um possível “Pensamento Sociológico Angolano”, e que este pense o fazer e o pensar a realidade social e cotidiana dos *guetos* e *musseques* que formam o substrato social de Angola, incluindo nela as suas especificidades sociais, políticas, econômicas, culturais e étnicas. Pois “as ciências estudam uma certa leitura da realidade. Constroem a partir da realidade ontológica a sua realidade epistemológica. O objecto científico, que o é sempre de uma certa disciplinaridade ou interdisciplinaridade, é construído” (PIMENTA e KAJIBANGA, [ca. 2019], p. 8), de modo a dar solução aos demais problemas da conjuntura social do país.

Tanto que,

a ciência responde a problemáticas e a sua resposta exige passar da descrição, ponto de partida, para a explicação, para a explicitação das relações e dinâmicas dos fenômenos. A ciência é a resposta rigorosa, embora relativa, às inquietudes humanas dos “porquês”. A ciência exige uma explicação metafenomenológica. Também só essa ida para além dos fenômenos, com particular incidência nas ciências da realidade humana, permite que o conhecimento se transforme em acção [sic] adequada (PIMENTA e KAJIBANGA, [ca. 2019], p. 9).

Entretanto, na concepção de Lauer e Anyidoho (2016), existem várias formas pelas quais os cientistas sociais, sociólogos, juristas, e políticos nas sociedades atuais podem promover valores capitalistas que não são intencionais nem ostensiva ao invés da produção do

<sup>10</sup> Saberes ocidentais que não refletem os modos de produção acadêmica e científica da realidade social dos *musseques* e *guetos* de Angola, tendo em vista as formas de construção das relações sociais e humanas e a interpretação destas relações a partir de um olhar próprios, característico e metodológico dos fenômenos e fatos sociais relevantes à realidade cotidiana da estrutura política, social, econômica, cultural e educativa de Angola.

conhecimento científico pensado a partir de uma realidade própria e nativa do fazer ciência nos seus mais variados moldes de produção acadêmica em Angola.

Assim, essas formas de produção capitalista consistem,

“uma, através do efeito automático do processo de socialização. Geralmente, o cientista social que cresceu numa sociedade capitalista tende a ser doutrinado com valores que sustentam o modo de produção capitalista.

A segunda forma de propaganda pelo cientista social, consiste em acatar e utilizar princípios, conceitos e ferramentas analíticas que geram um compromisso com valores capitalistas. Parece que muitos, na verdade a maioria dos cientistas sociais do Terceiro Mundo, tornaram-se propagandistas do capitalismo dessa forma. Eles aceitaram, de maneira bem pouco crítica, a ciência social que aprenderam em universidades, livros e periódicos ocidentais, ocupando-se em reproduzi-la e difundi-la, muitas vezes com uma convicção inabalável” (LAUER e ANYIDHO, 2016, p.54, 55).

No entanto, só é possível passar desta produção científica capitalista se haver no país e nas instituições de ensino médio e superior novos paradigmas de ciências, da Sociologia ou sobre as Ciências Sociais e Humanas, promovendo o senso crítico da “coisa”, dos fenômenos e dos fatos sociais da realidade cotidiana dos *musseques* e dos *guetos* angolanos.

Neste sentido, as universidades, institutos superiores e os demais organismos de ensino nos *guetos* e *musseques* em Angola, devem ser os agentes construtores de saberes sobre o social, bem como a transformação destes saberes em núcleos de projeção transformadores da sociedade influenciada pela natureza e essência das Ciências Sociais e do Pensamento Sociológico Angolano.

Pois, o ensino destas ciências, terá por objetivo, criar no indivíduo a capacidade crítica sobre o fazer social e o diálogo permanente com a realidade e com o domínio social que precisa ser (re)pensado nos saberes científicos. E no entanto, a projeção destes saberes, não deve servir de mercadoria de produção dependente do fazer ciência para o mercado fechado e local. Mas sim a desconstrução de saberes ideológicos dependentes de um sistema único de saberes<sup>11</sup> construído sobre a África e em particular Angola. Tanto que, “as universidades africanas passaram, desde então, a guiar-se pelas lógicas do mercado e a sua autonomia científico-pedagógica foi cerceada, colocando em risco as liberdades acadêmicas e criando um novo tipo de dependências” (SILVA, COELHO & SOUTO, 2012, p. 79).

Entretanto, isto só é possível se haver a nível local uma política de desconstrução de saberes e o enfrentamento categórico destes saberes dentro da modernidade local e do cotidiano

<sup>11</sup> Projeção de saberes dirigidos na ideologia de construção de saberes dependentes fundamentados no Estado enquanto formação do Estado-nação e, soberanamente independente, mas dependente de saberes para a construção de sua identidade científica.

social dos *guetos* e *musseques* que perfazem o todo nacional. Pois, a produção metodizada de conhecimento social e da sua realidade, está intimamente acoplada à modernidade contemporânea e à tendência desta última é no entanto colocar o indivíduo e o seio social em contenda (MACAMO, 2012). Nesse sentido, é preciso produzir condições necessárias e objetivas de saberes que reflitam a atual conjuntura das Ciências Sociais em Angola e a sua produção dentro e fora das academias do saber científico e do fazer o social reflexivo e observável.

Portanto, precisamos neste olhar, o produzir o nosso próprio conhecimento, as nossas próprias dinâmicas para as novas epistemologias (re)nascidas e conduzidas a partir do nosso olhar nativo de modo a termos o monopólio científico da nossa realidade e do nosso pensar social. Porém, o investimento nas novas epistemologias dos estados africanos e de modo particular Angola, é fundamental e preciso para a cultura científica de um pensar meramente angolano.

Entretanto, existe hoje em Angola uma larga presença das Ciências Sociais e humanas, mas estas, e em nosso entender não correspondem e nem satisfazem a demanda da modernidade necessária para a produção de saberes acadêmicos/ científicos na prática. Contudo, o estudo do social angolano é fundamental e indispensável para pensar a produção de saberes e o Ensino das Ciências Sociais em Angola, e aqui vimos a necessidade de saberes sociológicos (teorias próprias da Sociologia e do pensamento social angolano) para pensar o cotidiano social de Angola, tanto que e segundo Macamo (2012), o fazer social do cotidiano constitui um dos campos mais fascinante e excitante da Sociologia por esta se interessar com os fatos reflexivos do cotidiano social e da realidade do país no seu todo.

### **3 SOCIOLOGIA EM ANGOLA**

A Sociologia é uma ciência social contemporânea que discute questões da nossa realidade social, *guetos* e *musseques*, questões novas das sociedades e do nosso tempo em diversas categorias do saber no sentido de observar, responder e indagar as demandas sociais no presente a partir de uma perspectiva reflexiva do fazer e do pensar a realidade social complexa do cotidiano.

Em Angola, a Sociologia surge na necessidade de reestruturação das estruturas estruturantes e das estruturas estruturadas da sociedade, e a inclusão de uma consciência crítica e acrítica que reajustasse o pensar e fazer o cotidiano social a partir da compreensão reflexiva do social construído no período colonial, pós-colonial e até aos dias de hoje.

Assim, a Sociologia em Angola enquanto um Estado independente, começa a dar os seus primeiros indícios de erupção e de forma muito tímida no final do século XX (década de 1990), vindo a conhecer dias melhores posteriormente, embora o ensino da Sociologia seja ainda incipiente no país.

Entretanto, a Sociologia em Angola, é o convite ao exercício do ofício de sociólogo à interpretação observável da realidade social nativa e complexa dos *guetos e musseques* numa Angola jovem e rica de fatos e fenômenos sociais susceptíveis de interpretação sociológica.

Tanto que, é a partir da interpretação sociológica que passamos a compreender e a (re)pensar o conjunto complexo das contradições sociais e a investigação das suas condições sociais dentro dos *guetos e musseques* nas sociedades contemporâneas.

Contudo, faremos neste item, uma abordagem sucinta da Sociologia, contextualizando-a historicamente em Angola, e posteriormente discutiremos o ensino da Sociologia no ensino médio, analisando e demonstrando a sua presença no segundo ciclo do ensino secundário (ensino médio). Por outro lado, analisaremos também a seguir a Sociologia nas instituições do ensino superior, fazendo no entanto o seu mapeamento a nível do país de modo a determinarmos em percentagem o nível de presença da Sociologia no país. Por fim, a nossa discussão cingir-se-á numa análise crítica a Sociologia angolana e a produção de saberes sociológicos que refletem a realidade social complexa e nativa dos *guetos e musseques* que formam o substrato social de Angola no seu todo.

### **3.1 CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA DA SOCIOLOGIA EM ANGOLA**

A Sociologia na República angolana surge propriamente dito pós 1992<sup>12</sup> em função da sua natureza social crítica, inquieta e questionadora do fazer e do pensar o cotidiano social indispensável da sociedade.

No período anterior a 1992, ela foi excluída do seio social angolano por contradizer e andar à esquerda das elites políticas, das ideologias político-curriculares implementadas nas instituições de ensino médio e superior do país na altura. Tanto que, o saber científico sociológico é uma ameaça a questionamentos de ideologias hipoteticamente legítimas, e a possível construção de novas epistemologias da realidade social angolana naquela altura do

---

<sup>12</sup> Período posterior à proclamação da independência nacional da República de Angola, e o surgimento da autonomia literal das instituições de ensino politicamente controladas pelo poder ideológico das elites políticas fortemente influenciadas pelas práticas e experiências do colonizador português.

monopartidarismo e ao mesmo tempo período de transição de Estado colonizado para o Estado soberano, independente.

E para tanto, Morais (2016, p. 28), argumenta no mesmo diapasão que, “em Angola, tal como em algumas sociedades, a Sociologia não foi acolhida da melhor forma, muito pelo seu lado crítico”, e isto só começa a mudar na década de 90 quando a Sociologia passa a ter aceitação como disciplina, uma ciência para a construção de um pensamento diferenciado das elites políticas, partilhando o sentimento de a Sociologia ser indispensável para a análise do cotidiano e das relações sociais que se constroem nos *guetos* e *musseques* do país dia a pós dia (MORAIS, 2016).

Por tanto, com este cenário todo de restrição da Sociologia em Angola, Kajibanga (2009) *apud* Morais, (2016), partilha do princípio racional de que a proclamação da A.A.S.A<sup>13</sup> terá assistido de forma sólida e significativa o processo de afirmação prestigiosa e promocional da Sociologia angolana nos *musseques* e *guetos*, acrescentando no entanto, outros fatores relevantes que permitiram a afirmação social do desenvolvimento da Sociologia angolana, com a implementação dos Cursos de Licenciatura em Sociologia nas universidades Jean Piaget de Angola, na Universidade Dr. António Agostinho Neto, vulgarmente denominada UAN<sup>14</sup>, e posteriormente o surgimento de sociedades profissionais de sociólogos angolanos politicamente organizado na denominada ‘Sociedade Angolana de Sociologia (SASO)’ em 2003, e em 2008 o surgimento da RAS (Revista Angolana de Sociologia (RAS) que até aos dias de hoje disponibiliza textos de Sociologia produzida no país de modo particular.

### 3.2 O ENSINO DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO

A Sociologia em Angola é o estudo de um todo complexo observável que se faz necessário para a compreensão da realidade social e teórica dos *guetos* e *musseques* do país. O seu ensino implica para tanto, a discussão reiterada e elucidativa do social de forma analítica e indispensável para o estudo do social e da teoria empírica do cotidiano de modo a construir um “Pensamento Sociológico” que reflita a sociedade ideal construída no reflexo social da sociedade angolana. Pois que, o ensino desta enquanto Ciência, é efetuado num todo complexo da realidade social que fundamenta a educação como reflexo do social e do ideal. Tanto que a mesma (Sociologia) “possibilita a compreensão das ações humanas como ações sociais” do cotidiano (BRESSAN, 2008, p. 13).

<sup>13</sup> Associação dos Antropólogos e Sociólogos de Angola.

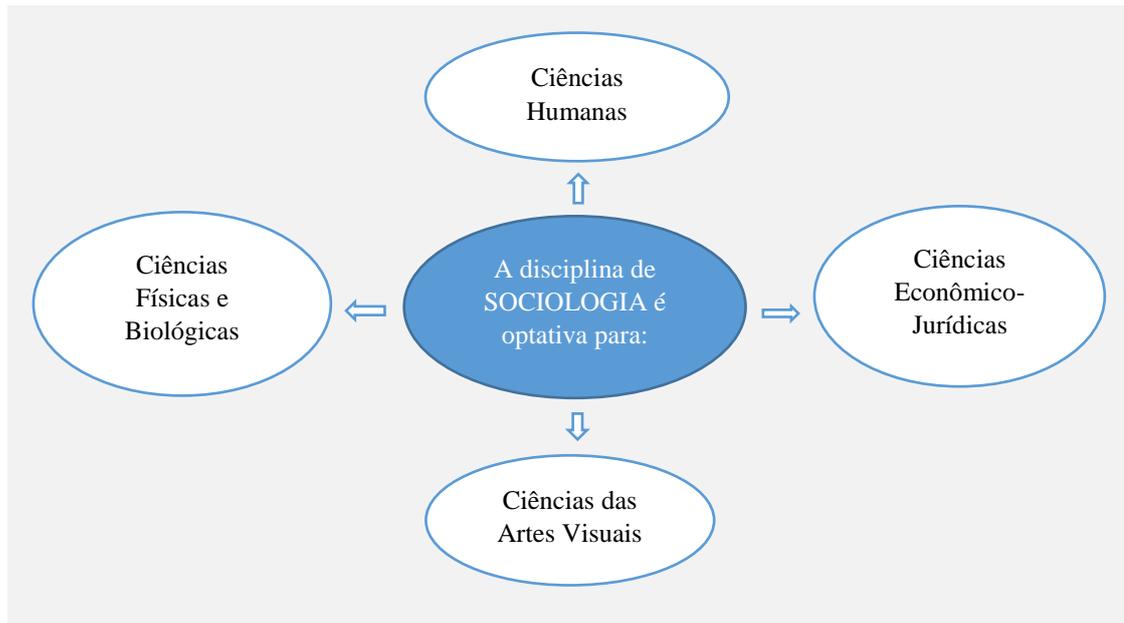
<sup>14</sup> Universidade Agostinho Neto.

Assim, pensar o Ensino da Sociologia em Angola e a sua efetivação no Sistema Geral de Ensino, é analisar os desafios que o jovem estudante coloca como um todo vivenciado dentro da sociedade, e dos *musseques* e *guetos*. Pois, o próprio Ensino Médio ou 2º Ciclo do Ensino Secundário, “tem como função social proporcionar conhecimentos necessários, com a qualidade requerida, desenvolver capacidades e aptidões e a consciencialização de valores para a vida social e produtiva que o país exige” (INIDE, 2013a, p. 9), no seu cotidiano para a compreensão do social, da realidade teórica e empírica das relações construídas dia pós dia entre os corpos e nos corpos, e nos espaços político e socialmente delimitados.

Neste sentido, a Sociologia implica o estudo do social, é o diálogo contínuo do sujeito com a realidade social no cotidiano e a indagação dos seus fatos na realidade social dos *guetos* e *musseques* do seu mundo social. Tanto que, ensiná-la é de *per si só* enfrentar e questionar o tudo quanto se dá e se constrói dentro desta lógica sociológica de ver o mundo como um todo complexo, onde os sujeitos não neutros dos *musseques* e *guetos* experimentam vivências compartilhadas dentro desta sociedade enquanto um espaço e meio de construção de relações sociais diversas. E no entanto, é nesta vivência compartilhada de experiências do fazer e do pensar o social que urge a necessidade da Sociologia no Ensino Médio, de modo a que o jovem estudante compreenda as lacunas sociológicas que a sociedade, ou a comunidade lhe dá na construção de suas relações sociais. Tanto que a tarefa do sociólogo é pesquisar e analisar a realidade social tal como ela é, e proceder a construção conceitual desta realidade social complexa do cotidiano (BRESSAN, 2008).

Deste modo, é de capital importância a presença da Sociologia no Ensino médio. Mas, em contrapartida, o ensino da Sociologia nas escolas do Ensino Médio em Angola, é ainda uma realidade questionável do cotidiano que passa por um desafio político e social das instituições escolares, dos seus agentes e dos seus atores sociais de modo a pensar de forma reflexiva e compreensiva o papel da escola na construção de estímulos e repostas dos desafios sociais, culturais e políticos do jovem estudante nos *musseques e guetos* d`Angola do Século XXI.

Tanto que a Sociologia no Ensino Médio, é oferecido de modo optativo para todas as áreas do Ensino Médio tal como nos mostra o quadro abaixo construído com base na Estrutura Curricular do 2º Ciclo do Ensino Secundário vigente nos *guetos* e nos *musseques* do país.

**Quadro 2** - Áreas de formação do Ensino Médio em Angola

Fonte: Elaboração própria

No entanto, as Escolas do 2º Ciclo do Ensino Secundário em todo o território nacional, *musseques* e *guetos*, são autônomas de oferecem ou não a comunidade acadêmica o Ensino da Sociologia, independentemente do jovem estudante seguir ou escolher umas das quatro áreas de formação que constituem a estrutura curricular politicamente definida para o 2º Ciclo do Ensino Secundário.

Assim, e em nosso entender, a presença opcional da Sociologia como disciplina na área das “Ciências Físicas e Biológicas”, nas “Ciências das Artes Visuais”, e sobretudo na área das “Ciências Económico-Jurídico” e das “Ciências Humanas” (áreas de saberes do Ensino Médio nos *musseques* e *guetos*), implica de certo modo, um possível desinteresse institucional e do Estado, salvo melhor juízo, de uma ciência que desperte e convide o indivíduo para a análise do social, e da consciência crítica dos sujeitos escolares a partir da base. Tanto que, o 2.º Ciclo do Ensino Secundário, concebe ao jovem estudante e sujeito do mundo social, a possibilidade de ingressar ao mercado do trabalho, ou constitui-se no epílogo da sua formação média ou então a sua preparação básica para o ingresso ao Ensino Superior de modo a construir ou a projetar de forma autônoma o curso da carreira acadêmica ou profissional (INIDE, p. 9, 2013a).

Pois que;

“As disciplinas de opção constituem um reforço de formação com vista à preparação para a frequência de um determinado curso no ensino superior, oferecendo também aos alunos a oportunidade de abordar e aprofundar assuntos do seu interesse que contribuirão para a sua formação pessoal”,

(Educação, INIDE, 2013a, P.14) e a Sociologia é uma destas disciplinas optativas no Ensino Médio a nível dos *guetos* e dos *musseques* de Angola (grifos nossos).

Tanto que, segundo o INE<sup>15</sup>, são num total de 3.350.060 pessoas com a idade compreendida entre os 15 aos 19 anos de idade e 2.713.907 com idade compreendida entre 20 aos 24 anos de idade em 2020. E por tanto, esta facha-etária é para nós, a possível camada populacional que se encontra a frequentar o Ensino Médio nas escolas do país nos seus mais variados cursos (Ciências Físicas e Biológicas; Ciências das Artes Visuais; Ciências Económico-Jurídico e Ciências Humanas) que compõem a Estrutura Curricular do 2º Ciclo do Ensino Secundário, seja em zonas urbanas ou em zonas rurais. Neste sentido, teremos um total aproximado de 6.063.967<sup>16</sup> estudantes no Ensino Médio, e o quadro abaixo mostra-nos de forma clara e concisa os números por facha-etária, de modo a compreendermos os números aproximados de alunos no Ensino Médio no país.

**Tabela 1** - Estudantes com idade estimada para o Ensino Médio

EXTIMATIVA FACHA-ETÁRIA DA POPULAÇÃO EM FASE DO ENSINO MÉDIO ANGOLANA					
IDADE	TOTAL	GÊNERO		ZONAS	
		Homens	Mulheres	Urbanas	Rurais
<b>15 - 19</b>	3.350.060	1.646.467	1.703.593	2.124.349	1.225.711
<b>20 - 24</b>	2.713.907	1.324.586	1.389.321	1.783.191	930.716

Fonte: Elaboração própria.

No entanto, com esta realidade empírica dos números no Ensino Médio, e dialogando com o quadro abaixo sobre o Ensino da Sociologia em Angola, existe uma grande probabilidade parcial de estes estudantes do Ensino Médio estarem ou não a terem a Sociologia no seu currículo por esta ser uma disciplina optativa neste nível de Ensino em todo o território nacional,

<sup>15</sup> Instituto Nacional de Estatística (INE, 2020).

<sup>16</sup> Existe uma margem de erros não calculado no valor total porque o ingresso ao Ensino Médio começa muito abaixo dos 17, 18 anos de Idade. Assim, os possíveis erros no cálculo da facha-etária da camada populacional em nível de Ensino Médio pode se dar por inclusão da segunda categoria que tem a idade compreendida entre 20 aos 24 anos de idade em função das especificidades locais e nativas de cada sujeito no seu mundo social, *gueto* ou *musseque* motivado pelo atraso escolar ou pelas condições sociais, económicas e políticas dos seus espaços culturais. Tanto que, o Instituto Nacional de Estatística não nos oferece dados de modo separado para esta facha-etária em nível de Ensino Médio de modo isolado.

e que as escolas têm a total autonomia de adotá-la ou não mediante os seus possíveis interesses sociais, políticos ou econômicos.

Assim, na tabela abaixo, mostramos empiricamente por exemplo, a questão da Sociologia em Angola através de dados recolhidos na Unilab aos estudantes angolanos matriculados em um dos seus cursos de graduação (Humanidades e Sociologia) de modo a demonstrarmos de forma categórica o mapeamento do ensino da mesma no país. Tanto que é quase inexistente, se não mesmo inexistente a Sociologia no Ensino Médio no país, pois, dos 32 questionários aplicados para fazermos este mapeamento demonstrativo da Sociologia nos *guetos* e *musseques* do país, apenas 13 estudantes tiveram a Sociologia na sua estrutura curricular do Ensino Médio, e 19 estudantes não tiveram. E neste sentido questionamos, face a esta situação, como promover o Ensino da Sociologia nas escolas do Ensino Médio em Angola? Como compreender esta situação a partir da nossa realidade social? Porque é inconcebível que um país como Angola não tenha na sua estrutura curricular a obrigatoriedade da Sociologia nas escolas do Ensino Médio em todo o seu espaço social enquanto *guetos* e *musseques*.

Portanto, este mapeamento da Sociologia nas escolas do Ensino Médio nos *guetos* e *musseques* do país previamente catalogados na tabela abaixo, é apresentado por província.

**TABELA 2 - MAPEAMENTO DA SOCIOLOGIA EM ANGOLA**

PRESENÇA DA SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO DOS ATUAIS GRADUANDOS ANGOLANOS NA UNILAB, CE – BRASIL.								
PROVÍNCIA	TEVE	NÃO	PROVÍNCIA	TEVE	NÃO	PROVÍNCIA	TEVE	NÃO
Luanda	07	18	Malanje	0	0	Cabinda	0	0
Benguela	01	0	Moxico	0	0	K. Kubango	0	0
Bié	0	0	L. Norte	0	0	Zaire	0	0
Huambo	02	0	L. Sul	0	0	Uíge	0	0
Cunene	0	0	Huíla	0	0	Namibe	0	0
Bengo	03	01	K. Norte	0	0	K. Sul	0	0

Fonte: Elaboração própria.

No entanto, a tabela acima, leva-nos a pensar política e sociologicamente a Sociologia no Ensino Médio, assim como a sua facultatividade no Sistema de Ensino Geral. Tanto que, “a Sociologia é uma ciência que facilita a compreensão da realidade social e a dinâmica da sociedade em que o indivíduo está inserido e do mundo em geral” (INIDE, 2013b, p.4 – Introdução do programa de Sociologia: 11<sup>a</sup> e 12<sup>o</sup> classe). Assim, o ensino da Sociologia em Angola faz-se necessário e fundamental porque a sociedade angolana precisa ter consciência de um pensar simultâneo (crítico e acrítico) visto do ponto de vista de uma teoria pura do

Pensamento Sociológico Angolano que pense o meio social e os elementos que incorporam os *guetos* e os *musseques* contemporâneos da sociedade angolana.

Pois que;

(...) é importante o seu estudo, pois o nosso país e o mundo são palco de numerosos acontecimentos de carácter político, cultural e sócio-económico que exigem a compreensão e a análise crítica por parte do cidadão o que, por sua vez, permitirá que ele reaja e actue [sic] sobre os mesmos, tornando-o um ser participativo (INIDE, 2013b, p.4).

Assim, o ensino da Sociologia em Angola é um desafio que provoca em nós uma relação de aproximação e afirmação contínua na circulação do conhecimento científico entre a teoria empírica da realidade social angolana com os fatos e fenômenos do cotidiano social, bem como das suas especificidades locais e nativas. Tanto que, o pensar e fazer a sociologia em Angola é sustentar e firmar a investigação sociológica, o que só é possível a partir de um olhar do ensino da Sociologia que envolva em si a consciência coletiva de saberes sociológicos, e Manuel (2016), vai mais além ao sustentar que a Sociologia é uma das ciências sociais mais promissoras de Angola, em função da conjuntura social angolana, e da sua estrutura que convida a pensar na possível construção de um Pensamento Sociológico, embora precisemos ainda de muita produção sociológica tipicamente angolana, e que reflita a realidade social quotidiana dos *musseques* e *guetos*. Pois, tratar e pensar o ensino da Sociologia em Angola, é refletir em termos gerais, nas questões de investigação científica no sentido de construir um pensamento social e teórico de uma Angola desenvolvida e sustentada pelo pensar sociológico dos académicos angolanos.

Neste, entretanto, Manuel (2016, p. 4), sustenta que;

vivemos um momento em que a procura e a consciência da necessidade de intervenção de sociólogos parece ser cada vez maior, porque, numa sociedade em que ainda se precisa configurar e caracterizar o tecido social, não seria sério e nem aceitável continuar a menosprezar estes profissionais, que actuam [sic] nos mais variados campos da vida em sociedade.

Assim, ao inserirmos esta disciplina de Sociologia no currículo do 2º Ciclo do Ensino Secundário em Angola, é quisermos exatamente dotar o jovem estudante de meios para essa análise reflexiva de que a Sociologia se encarrega no seu cotidiano (INIDE, 2013a). Pois que “a Sociologia é uma disciplina sedutora. É difícil um intelectual sério, ou que tenha pretensão de sê-lo não se deixar atrair pelos seus temas e abordagens. Por isso, é raro encontrar um grande sociólogo que não seja intelectual e/ou académico” (MANUEL, 2016, p. 17), por este encarnar a compreensão do pensar e do fazer a Sociologia a partir de uma realidade social, do seus factos, e até mesmo das suas experiências e narrativas que com o sociólogo convivem, e transmitem

valores e saberes empíricos do *ethos* científico de que o pensar sociológico se encarrega ao ser ensinada como arte da análise reflexiva a partir da base.

Tanto que os objetivos da Sociologia como disciplina curricular no 2º Ciclo do Ensino Secundário (Ensino Médio) em Angola, consistem em;

1. Proporcionar a compreensão da relatividade e multiplicidade dos valores culturais e sociais em diferentes espaços e tempos;
2. Proporcionar um conjunto de elementos que facilitem a compreensão da multiplicidade e riqueza das relações sociais;
3. Desenvolver a reflexão crítica e atitudes de tolerância face às ideias, crenças, culturas, opiniões e valores diferentes dos próprios;
4. Compreender o Homem e seu comportamento em sociedade,
5. Interpretar o meio social em ordem a uma inserção social e profissional crítica, (INIDE, 2013b, p.5)

Assim, o ensino da Sociologia em Angola objetiva nas escolas do Ensino Médio ou nas escolas do 2º Ciclo do Ensino Secundário e de seus jovens, um pensar próprio que abranja o pensar e o fazer reflexivo e observável da Sociologia e da busca da teoria empírica do saber científico sobre a realidade social do país, dos *guetos* e *musseques*, e dos seus fenômenos empíricos, sendo a escola e a sociedade “um espaço onde se incentiva a investigação científica, se promove atividades científicas e profissionalismo” (Morais, 2016, p. 27), sociológico para a construção de uma estabilidade sociológica de Pensamento Sociológico em Angola. Pois, e segundo o Programa de Sociologia para as escolas do 2º Ciclo do Ensino Secundário, (INIDE, 2013b, p.6), “a Sociologia tem por objectivo [sic] fundamental facultar aos estudantes quadros teóricos de referência, conceitos e metodologias que lhes permitam” a;

- 1) Perspectivar as funções do curso, tendo em conta a análise da realidade sociológica envolvente.
- 2) Conhecer os métodos da Sociologia aplicados à pesquisa sociológica no domínio visado pelas ciências Físicas e Biológicas, Económicas e Jurídicas, Humanas e das Artes Visuais.
- 3) Fundamentar a legislação de acordo com o perfil profissional, sua vivência institucional e de relação com a comunidade.
- 4) Analisar os fundamentos sociais do desenvolvimento a nível micro e macro.

- 5) Reflectir [sic] sobre o papel das ciências em geral, e da Física, Biologia, Economia, Direito, Ciências Humanas e Artes Visuais em particular, na criação de identidades sociais e culturais específicas.
- 6) Preparar o jovem para uma atitude reflexiva e uma actuação [sic] socioprofissional [sic] consciente.
- 7) Assumir uma posição na sua prática profissional coerente com os valores éticos profissionais.
- 8) Entender as perspectivas actuais [sic] de desenvolvimento da Física, Biologia, Economia, Direito, Ciências Humanas e Artes Visuais à luz dos conhecimentos adquiridos, (INIDE, 2013b, p.6).

No entanto, pensar o ensino da Sociologia em Angola é revolucionar a forma de pensar a realidade social cotidiana de Angola em toda a sua esfera social, e encaixar nele as novas formas epistêmicas do pensar e do fazer o social sociológico angolano a partir de uma concepção crítica e reflexiva da Sociologia objetivada nos objetivos gerais do ensino da Sociologia e dos seus objetivos específicos na Estrutura Curricular do 2º Ciclo do Ensino Secundário.

Tanto que “a própria Sociologia deve ser compreendida como espaço de luta e confrontação de diferentes projetos de sociedade, que se expressam nas diferentes teorias sociais, elaboradas ao longo da história da Sociologia” (BRESSAN, 2008, p. 99) como forma ou meio de analisar o pensar e o fazer a realidade social cotidiana no país. Pois é esta compreensão reflexiva do fazer e do pensar o social, e a produção da vida em sociedade nos *guetos* e *musseques* que se faz a revolução epistêmica a partir dos objetivos pré-definidos do ensino desta no Segundo Ciclo do Ensino Secundário (Ensino Médio).

Portanto, este pensar crítico e reflexivo a partir da base, e objetivada sobretudo nos objetivos gerais e específicos da Sociologia para o Ensino Médio, só será possível se houver a nível dos *guetos* e dos *musseques* a implementação obrigatória do Ensino da Sociologia como disciplina obrigatória do Sistema Geral do Ensino Secundário (a nível do Ensino Médio). Tanto que, é o ensino obrigatório dela que se criaria incentivos para o aprofundamento de conceitos sociológicos no Ensino Superior e conseqüentemente a análise profunda das experiências e vivências do cotidiano social do mundo que o envolve.

### **3.3 O ENSINO DA SOCIOLOGIA NO ENSINO SUPERIOR EM ANGOLA**

A Sociologia no Ensino Superior é hoje uma realidade visível em todos os *musseques* e *guetos* em função de dezenas de instituições superiores criadas no território nacional, e pela mudança de ideologias das elites políticas no país.

Assim, o ensino da Sociologia no país após 1992, a Sociologia constituiu-se no “bum” de formação de sociólogos angolanos no sentido de implementar uma nova cultura de pensar o todo social complexo do país fora das ideologias políticas do colonialismo social que ainda se enfrentava no território.

Tanto que, o ensino superior na então colônia portuguesa, surge apenas em 1962 com a institucionalização dos Estudos Gerais Universitários caracterizados por fortes restrições institucionalizadas, embora possa antes disso, haver no país estudos superiores em Luanda e no Huambo implementados pelo Seminário católico em 1958 (CARVALHO, 2012). Assim, “o local de nascimento, o local de residência e a posição social determinavam claramente o acesso a este nível de ensino, que reproduzia para as gerações seguintes a estratificação social da Angola colônia” (CARVALHO, 2012, p. 52).

Pois que, na concepção de Manuel (2016), a Sociologia como saber científico na área das Ciências Sociais, é uma das que mais cresce a nível dos *guetos* e *musseques* do país após 1992. Tanto que a Sociologia na era colonial servia os interesses ideológicos do colonizador, restringindo assim a construção de novas ideologias que contrariem as elites políticas dominantes, para tanto, após a proclamação da independência, isto é, de 1975 – 1992 a Sociologia desaparece do cenário nacional (Costa, 1997, *apud* Manuel, 2016), vindo porém a ressurgir nos anos de 1993 a 2003, marcando os seus largos passos de institucionalização acadêmica, bem como a sua propalação nos mais variados agentes da sociedade angolana. Portanto, é o melhor período que a Sociologia angolana viveu depois de inúmeros insucessos ao se firmar nos *guetos* e *musseques* do país (KAJIBANGA, 2009, *apud* MANUEL, 2016).

Entretanto, independentemente da Sociologia dar largos passos a nível local nas instituições de ensino superior, existe uma política tímida de internacionalização da Sociologia produzida em Angola que de certo modo está numa posição de desvantagem em função das especificidades do país e do continente ao que concerne a produção e divulgação de saberes nativos sobre a África e para África, tal como Manuel (2016, p. 7), sustenta afirmando que a “internacionalização da Sociologia produzida em Angola está numa situação desvantajosa”.

Tanto que até 2011, segundo Carvalho (2012), o país contava apenas com 36 instituições de Ensino Superior<sup>17</sup> em toda a extensão territorial, e destas, apenas 13 licenciaturas estavam devidamente legalizadas em saberes sociológicos (na área de Sociologia) em diversas universidades públicas e privadas, e em termos de pós-graduação a apenas a Faculdade de

---

<sup>17</sup> A nível do território nacional existe uma categoria de classificação das instituições de Ensino Superior divididas em Universidades, Escolas Superiores e Institutos Superiores.

Ciências Sociais afeta a Universidade Agostinho Neto tinha a autorização de proporcioná-la em nível de mestrado e doutoramento.

Para tanto, hoje o país duplicou o número de Instituições de Ensino Superior e a Sociologia também deu e continua dando largos passos na sua expansão territorial. Assim, enumeramos abaixo as instituições de ensino superior do país, fazendo, no entanto, distinção entre as universidades, institutos e escolas superiores públicas e privadas existentes no país até 2019, dezoito anos depois do conflito armado que assolou o país durante 27 anos, e tendo afetando diretamente todos os *musseques* e *guetos* do país, bem como todos os seus aspectos genéricos e específicos no quesito educação, econômico e social.

Assim, a **tabela 3**, mostra-nos o total de universidades públicas de Angola até ao ano de 2019, destacando nela, a **Universidade Katyavala Bwila (UKB)**, criada em 2009 pelo Decreto<sup>18</sup> n° 7/09 de 12 de maio, e a **Universidade Agostinho Neto (UAN)** que contam com a presença do ensino da Sociologia como um curso de licenciatura no leque dos seus mais variados cursos de licenciaturas ministradas nestas instituições de ensino público. Por outro lado, as demais universidades não nos apresentam a presença do ensino da Sociologia, por estas desprenderem-se da UAN que tinha em si a responsabilidade funcional de atender as quatro regiões ou unidades acadêmicas do país, respondendo assim as necessidades formativas e profissionais de que o país necessitava. Tanto que as universidades públicas oriundas da Universidade Agostinho Neto (UAN) criadas pelo Decreto n° 7/09 de 12 de maio, veem justamente no sentido de descentralizar o Ensino Superior Público no país e o desapego das regiões acadêmicas anteriormente atendidas pela UAN enquanto primeira instituição de ensino superior público no país.

Assim, na tabela abaixo temos todas a universidade públicas que o país tem até 2019, e sublinhamos nela as universidades que contam com a presença da Sociologia na sua estrutura curricular, nomeadamente a UAN e a Universidade Katyavala Bwila (UKB).

**Tabela 3** – Universidades Públicas de Angola até 2019

Universidade Públicas	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
-----------------------	-------------	---------	------------------------	---------------------------------	-------------------------------

<sup>18</sup> O Decreto n° 7/09 de 12 de maio, é o Decreto que cria os Institutos e Escolas Superiores públicos em 2009 no âmbito da descentralização e expansão do ensino superior público a nível do território nacional. Na tabela 4, temos algumas universidades criadas por este Decreto, nomeadamente: Universidade Katyavala Bwila (UKB); Universidade 11 de novembro (UON); Universidade Lueji-a-Nkonde (ULN); Universidade José Eduardo dos Santos (UJES); Universidade Mandume Ya Ndemofayo (UMN); Universidade Kimpa Vita (UKV). Já a Universidade Cuito Cuanavale (UCC), surge do desmembramento da Universidade Mandume Ya Ndemofayo (UMN) em 2014.

<b>Universidade Agostinho Neto (UAN)</b>	<b>Luanda</b>	<b>1962</b>	<b>X</b>	<b>Decreto Ñ disponível</b>	<b>1</b>
<b>Universidade Katyavala Bwila (UKB)</b>	<b>Benguela</b>	<b>2009</b>	<b>X</b>	<b>Decreto Ñ disponível</b>	<b>1</b>
Universidade 11 de Novembro (UON)	Cabinda	2009			0
Universidade Cuito Cuanavale (UCC)	Kuando-Kubango	2014			0
Universidade Lueji-a-Nkonde (ULN)	Lunda - Norte	2009			0
Universidade José Eduardo dos Santos (UJES)	Huambo	2009			0
Universidade Mandume Ya Ndemofayo (UMN)	Lubango / Huíla	2009			0
Universidade Kimpa Vita (UKV)	Uíge	2009			0

Fonte: Elaboração própria.

A **tabela 4**, mostra-nos os institutos e escolas superiores públicas que o país tem até a data presente, destacando o ensino da Sociologia como curso de licenciaturas destinado a educação, e formação de quadros capazes de atuar no setor educacional nos seus mais variados níveis, tendo em conta as diretrizes e regulamentos específicos que regem a atividades educacional e docente no país. Os institutos e escolas superiores que vemos na tabela 4, foram criadas pelo Decreto nº 7/09 de 12 de maio, no âmbito de descentralização e expansão do ensino superior público no país. Portanto, desta expansão só a **Escola Superior Politécnica de Malanje** e o **Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda - ISCED** é que têm no seu leque de cursos superiores o ensino da Sociologia no setor público nessas parcelas do país.

**Tabela 4** – Institutos e Escolas Superiores Públicas de Angola até 2019

<b>Institutos e Escolas Superiores de Angola</b>	<b>Localização</b>	<b>Criação</b>	<b>Presença da Sociologia</b>	<b>Decreto de autorização do curso</b>	<b>Total de IES com a Sociologia</b>
Escola Superior Pedagógica do Bengo	Bengo	2009			
Escola Superior Pedagógica do Bié	Bié	2009			
Instituto Superior de Ciências da Educação do Huambo - ISCED	Huambo	1962 (2009)			
Instituto Superior de Ciências da Educação do Lubango - ISCED	Huíla	1962 (2009)			
Escola Superior Pedagógica do Kwanza Norte	Kwanza-Norte	2009			
Instituto Superior Politécnico do Kwanza-Norte					
Instituto Superior de Petróleos	Kwanza-Sul	2009			
Instituto Superior Politécnico do Kwanza-Sul					

Instituto Superior de Tecnologia de Informação e Comunicação	Luanda	2014			
<b>Instituto Superior de Ciências da Educação de Luanda - ISCED</b>		<b>1962 (2009)</b>	<b>X</b>	<b>Decreto nº 7/09 de 12 de Maio</b>	<b>1</b>
Instituto Superior de Artes		2015			
Instituto Superior de Educação Física e Desportos		2015			
Instituto Superior de Ciências da Comunicação		2015			
Instituto Superior de Serviço Social de Luanda		2009			
Escola Superior Pedagógica da Lunda Sul		Lunda Sul	2009		
Instituto Superior Politécnico de Malanje	Malanje	1962 (2009)			
<b>Escola Superior Politécnica de Malanje</b>			<b>X</b>	<b>De. Ex. nº 7/09 de 12 de maio</b>	<b>1</b>
Instituto Superior de Pescas	Namibe	2009			
Instituto Superior de Ciências da Educação do Uíge- ISCED	Uíge	1962 (2009)			

Fonte: Elaboração própria.

Já a **tabela 5**, mostra-nos as universidades privadas e funcionais em Angola até ao ano de 2019. Para tanto, temos um total de dez (10) universidades privadas e todas elas encontram-se na capital do país, Luanda e só quatro (4) destas universidades é que têm na sua estrutura de cursos o ensino da Sociologia. Estas universidades são como nos mostra a tabela 5, a **Universidade Católica de Angola (UCAN)**; a **Universidade Jean Piaget de Angola (UJPA)**; a **Universidade Independente de Angola (UNIA)** e a **Universidade Gregório Semedo (UGS)**. Entretanto, as demais universidades apresentam-nos no seu leque de cursos, cursos virados a profissionalização.

Assim, as universidades privadas funcionais no país com o curso de licenciatura em Sociologia, destina-se a formação de quadros superiores atuantes nos mais variados setores (política, educação, organizações governamentais e não governamentais) dos *musseques* e *guetos* do país.

**Tabela 5** – Universidades Privadas de Angola até 2019

Universidade Privadas	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
<b>Universidade Católica de Angola (UCAN)</b>		<b>2002</b>	<b>X</b>	<b>Dec. Ex. nº 34/12 de 24 de Janeiro</b>	<b>1</b>
<b>Universidade Jean Piaget de Angola (UJPA)</b>		<b>2001</b>	<b>X</b>	<b>Dec. Ex. nº 78/08 de 11 de Junho</b>	<b>1</b>

Universidade Lusfada de Angola (ULA)	Luanda	2002			
<b>Universidade Independente de Angola (UNIA)</b>		<b>2005</b>	<b>X</b>	<b>Dec. Ex. nº 403/12 de 08 de Outubro</b>	<b>1</b>
Universidade Privada de Angola (UPRA)		2007			
Universidade de Belas (UNIBELAS)		2007			
<b>Universidade Gregório Semedo (UGS)</b>	Luanda	<b>2007</b>	<b>X</b>	<b>Decreto ã disponível</b>	<b>1</b>
Universidade Metodista de Angola (UMA)		2007			
Universidade Óscar Ribas (UOR)		2007			
Universidade Técnica de Angola (UTANGA)		2007			

Fonte: Elaboração própria.

A **tabela 6**, mostra-nos os institutos superiores privados presentes na província do Bié (região centro do país) e que por sinal não encontramos durante a nossa pesquisa, presença do curso de licenciatura em Sociologia, o que indica que quem vier ou quiser frequentar o curso em causa terá que se deslocar em outra região próxima que o ofereça. E aqui a região mais próxima a esta é a província do Huambo onde os indivíduos que queiram se tornar sociólogos ou quadros da área terão que se dirigir para responder as necessidades e os desafios do mercado e do ofício de Sociólogo nas suas mais variadas áreas de atuação.

**Tabela 6** – Institutos Superiores Privados na Província do Bié até 2019.

Institutos e Escolas Superiores Privados no Bié até 2019	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
Instituto Superior Politécnico do Kuito	Bié	2017			
Instituto Superior Politécnico Nkunduma		2019			
Instituto Superior Politécnico Privado do Kuito					

Fonte: Elaboração própria.

A **tabela 7**, mostra-nos de forma eminente, a presença do curso de licenciatura em Sociologia nos Institutos Superiores Privados e em Escolas Superiores Privadas naquela parcela do país – Benguela, que datam desde 2016 segundo o **Decreto Executivo nº 192/16, de 6 de abril** e do **Decreto Executivo nº 195/16, de 11 de Abril** que regula a criação do curso de licenciatura em Sociologia oferecido por estes institutos de ensino superior naquela província angolana (Benguela).

**Tabela 7** – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província de Benguela até 2019.

Institutos e Escolas Superiores Privados em Benguela até 2019	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
<b>Instituto Superior Politécnico Jean Piaget Benguela</b>	Benguela	<b>2012</b>	<b>X</b>	<b>Dec. Ex. nº 192/16, de 6 de Abril</b>	<b>1</b>
Instituto Superior Politécnico Católico de Benguela		2012			
Escola Superior Politécnica de Benguela		2012			
<b>Instituto Superior Politécnico Maravilha</b>		<b>2012</b>	<b>X</b>	<b>Dec. Ex. nº 195/16, de 11 de Abril</b>	<b>1</b>

Fonte: Elaboração própria.

Na **tabela 8**, notamos a ausência total do ensino da Sociologia nos Institutos e Escolas Superiores Privadas na província mais a norte do território nacional – Cabinda.

**Tabela 8** – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província de Cabinda até 2019.

Institutos e Escolas Superiores Privados em Cabinda até 2019	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
Instituto Superior Politécnico de Cabinda	Cabinda	2012			
Instituto Superior Politécnico Lusíada de Cabinda		2012			

Fonte: Elaboração própria.

Já **tabela 9**, mostra-nos um total de sete (7) instituições de ensino superior na província do Huambo, e destas só uma é que tem nos seus mais variados cursos de graduação, o ensino da Sociologia como licenciatura, o que provoca em nós inúmeros questionamentos. Pois, num universo de sete (7) instituições só uma tem o curso de licenciatura em Sociologia.

**Tabela 9** – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província do Huambo até 2019.

Institutos e Escolas Superiores Privados no Huambo até 2019	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
Instituto Superior Politécnico da Caála	Huambo	2017			
Instituto Superior Politécnico Católico do Huambo		2018			
Instituto Superior Politécnico de Ciências e Tecnologias		2012			
Instituto Superior Politécnico de Humanidades e Tecnologias EKUIKUI II		2011			

<b>Instituto Superior Politécnico Sol Nascente</b>		<b>2012</b>	<b>X</b>	<b>Decreto ã disponível</b>	<b>1</b>
Instituto Superior Politécnico Lusíada do Huambo		2012			
Instituto Superior Politécnico Ulemba		20??			

Fonte: Elaboração própria.

A **tabela 10**, apresenta-nos a presença do curso de licenciatura em Sociologia nos dois (2) dos três (3) institutos superiores privados naquela parcela do país – Huíla. Portanto, pelo número de institutos presentes na Huíla, é satisfatório a presença da Sociologia na província.

**Tabela 10** – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província da Huíla até 2019.

Institutos e Escolas Superiores Privados na Huíla até 2019	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
<b>Instituto Superior Politécnico Sinodal</b>	Huíla	<b>2017</b>	<b>X</b>	<b>Dec. Ex. aguarda publicação</b>	<b>1</b>
<b>Instituto Superior Politécnico Evangélico do Lubango</b>		<b>2017</b>	<b>X</b>	<b>Dec. Ex. aguardar publicação</b>	<b>1</b>
Instituto Superior Politécnico da Tundavala		[2017?]			

Fonte: Elaboração própria.

Já a **tabela 11**, apresenta-nos a única instituição privada do ensino superior e com uma ausência total do ensino da Sociologia na província – Kuando-Kubango.

**Tabela 11** – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província do Kuando-Kubango até 2019.

Institutos e Escolas Superiores Privados no Kuando Kubango até 2019	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
Instituto Superior Politécnico Privado do Menongue	Kuando-Kubango	2017			

Fonte: Elaboração própria.

Na **tabela 12**, notamos também a ausência total do ensino da Sociologia nos dois (2) únicos institutos do ensino superior privados na província Kwanza Sul.

**Tabela 12** – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província do Kwanza Sul até 2019.

Institutos e Escolas Superiores Privados do Kwanza Sul até 2019	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
Instituto Superior Politécnico do Porto Amboim	Kwanza Sul	2012			

Instituto Superior Politécnico do Libolo		2017			
--	--	------	--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

A **tabela 13**, mostra-nos um universo de 22 institutos e escolas superiores privadas na província de Luanda, e destas apenas 6 instituições superiores têm na sua estrutura académica, a presença do curso de licenciatura em Sociologia. Tanto que, estas 22 instituições se encontram na capital Angolana – Luanda, cidade com mais instituições de ensino superior a nível do território nacional e nos seus mais diversos pontos da cidade capital.

**Tabela 13** – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província de Luanda até 2019.

Institutos e Escolas Superiores Privados em Luanda (capital do país) até 2019	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
<b>Instituto Superior de Ciências Sociais e Relações Internacionais (CIS)</b>	Luanda	2007	X	<b>Dec. Ex. nº 81/08 de 24 de Junho</b>	<b>1</b>
Instituto Superior Técnico de Angola (ISTA)		2007			
Instituto Superior Politécnico de Tecnologias e Ciências		2011			
Instituto Superior Politécnico Deolinda Rodrigues		2012			
Instituto Superior de Administração e Finanças		2017			
Instituto Superior Politécnico Intercontinental de Luanda		2017			
Escola Superior Técnica de Ciências do Desporto		2017			
Instituto Superior Politécnico Nelson Mandela		2019			
Instituto Superior Politécnico Crescente		2019			
Instituto Superior Politécnico do Bitá		2019			
Instituto Superior Privado do Kilamba		2017			
Instituto Superior Politécnico Kalandula		2012			
<b>Instituto Superior Politécnico de Katangoji</b>		2012	X	<b>Dec. nº 434/12 de 25 de Outubro</b>	<b>1</b>
Instituto Superior Politécnico de Tecnologias		2011			
Instituto Superior de Ciências de Administração e Humanas		2012			
<b>Instituto Superior Politécnico Internacional de Angola</b>		2012	X	<b>Decreto ã disponível</b>	<b>1</b>
Instituto Superior Politécnico Alvorecer da Juventude		2012			
Instituto Superior de Tecnologia e Ciências		2012			

<b>Instituto Superior Politécnico Atlântida</b>		2012	X	Dec. Ex. nº433/12 de 24 de Outubro	1
<b>Instituto Superior de Angola</b>		2012	X	Dec. Ex. nº 436/12 de 31 de Outubro	1
<b>Instituto Superior Politécnico do Zango</b>		2012			
<b>Instituto Superior Politécnico Tocoísta</b>		2018	X	Dec. Ex. nº 215/17, de 7 de Abril	1

Fonte: Elaboração própria.

Na **tabela 14**, demonstramos a existência do curso de licenciatura em Sociologia na província de Malanje através do **Instituto Superior Politécnico de Walinga**, a única num universo de três (3) institutos superiores que funcionam naquela parcela territorial.

**Tabela 14** – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província de Malanje até 2019.

Institutos e Escolas Superiores Privados em Malanje até 2019	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
Instituto Superior Politécnico Cardeal Dom Alexandre do Nascimento	Malanje	2017			
Instituto Superior Politécnico Privado da Catepa		2017			
<b>Instituto Superior Politécnico de Walinga</b>		2017	X	Dec. Ex. aguardar publicação	1

Fonte: Elaboração própria.

Nas **tabelas 15 e 16**, encontramos a descrição da presença do curso de licenciatura em Sociologia nas suas únicas instituições de ensino superior privado, isto é, a Sociologia está contemplada marcando a sua presença no **Instituto Superior Politécnico Privado do Luena**, na província do Moxico e no **Instituto Superior Politécnico Privado do Uíge** na província do Uíge.

**Tabela 15** – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província do Moxico até 2019.

Institutos e Escolas Superiores Privados no Moxico até 2019	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
Instituto Superior Politécnico Privado do Luena	Moxico	2017	X	Dec. Ex. aguardar publicação	1

Fonte: Elaboração própria.

**Tabela 16** – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província do Uíge até 2019.

Institutos e Escolas Superiores Privados no Uíge até 2019	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
Instituto Superior Politécnico Privado do Uíge	Uíge	2017	X	Dec. Ex. aguardar publicação	1

Fonte: Elaboração própria.

Já na **tabela 17**, notamos a ausência total do ensino da Sociologia nos Institutos e Escolas Superiores Privadas na província a norte do território nacional – Zaire.

**Tabela 17** – Institutos e Escolas Superiores Privados na Província do Zaire até 2019.

Institutos e Escolas Superiores Privados no Zaire até 2019	Localização	Criação	Presença da Sociologia	Decreto de autorização do curso	Total de IES com a Sociologia
Instituto Superior Politécnico Privado do Zaire	Zaire	2017			

Fonte: Elaboração própria.

Assim, com esta realidade social das IES no país, a **tabela 18**, apresenta-nos o percentual da presença do ensino da Sociologia por província mediante o número de IES (Institutos de Ensino Superior) presentes na província com o fim de aferirmos com precisão a progressão do ensino da Sociologia nas instituições de ensino no país hoje, bem como a formação de quadros capazes na área. Por outro lado, a percentagem por província nos ajuda a compreender a realidade de formação de quadros locais em Sociologia para o estudo de suas próprias realidades sociais, políticas e econômicas.

**Tabela 18** – Percentual da Sociologia nas IES por província até 2019

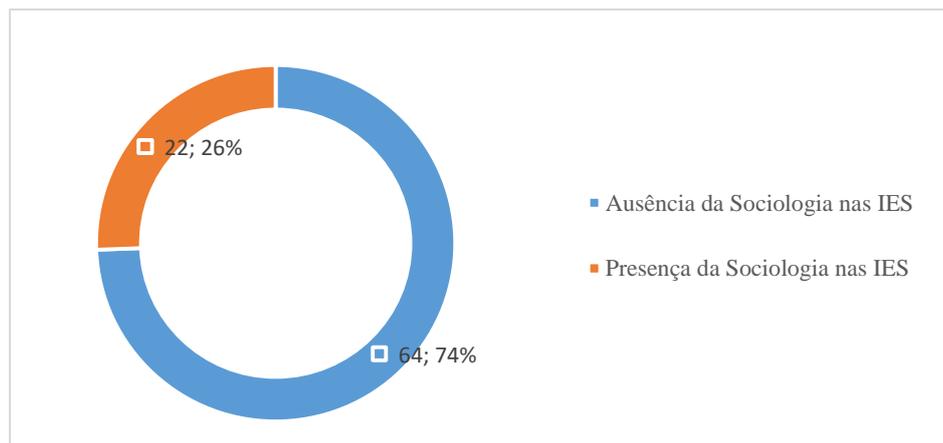
PROVÍNCIA	UN. PÚB	UN. PRIV	IEES PÚ/PR	TOTAL POR PROV.	PRES. DA SOCIOLOGIA
Luanda	1	10	28	39	12 IES = 31%
Bengo			1	1	0 IES = 0%
Bié			4	4	0 IES = 0%
Benguela	1		4	5	3 IES = 60%
Cabinda	1		2	3	0 IES = 0%
Huambo	1		7	9	1 IES = 11%
Huíla	1		4	5	2 IES = 40%
Kuando Kubango	1		1	2	0 IES = 0%
Kwanza Norte			2	2	0 IES = 0%
Kwanza Sul			4	4	0 IES = 0%
Lunda Norte	1			1	0 IES = 0%
Lunda Sul			1	1	0 IES = 0%
Malanje			5	5	2 IES = 40%
Moxico			2	2	1 IES = 50%
Namibe			1	1	0 IES = 0%

<b>Uíge</b>	1		3	3	1 IES = 33%
<b>Zaire</b>			1	1	0 IES = 0%

Fonte: Elaboração própria.

Portanto, com esta realidade tímida da Sociologia por província apresentada nas tabelas anteriores para a compreensão do todo nacional, o **Gráfico 1**, nos mostra de forma percentual, a presença e o ensino da Sociologia nas instituições de ensino superior a nível nacional. Para tanto temos a nível do país 22 instituições de ensino superior que contam com o ensino da Sociologia, o que corresponde a 26%, uma percentagem baixíssima atendendo os 31.127.674 milhões de habitantes que o território angolano possui, bem como para atender as especificidades sociais do cotidiano que requerem a presença do olhar treinado do sociólogo e de outros profissionais das ciências humanas e sociais na Angola do século XXI.

**Gráfico 1** – Sociologia nas IES em Angola



Fonte: Elaboração própria.

Contudo, precisamos de mais instituições de ensino superior no país que se preocupem com a Sociologia e áreas afins, de modo a sanarmos as possíveis lacunas deixadas pelas instituições hoje existentes nos *guetos* e *musseques* do país.

### 3.4 CRÍTICA A SOCIOLOGIA ANGOLANA E A PRODUÇÃO DE SABERES

A Sociologia em Angola, como vimos antes, vem registando ao longo dos anos (da década 90 até aos dias de hoje) uma evolução bastante satisfatória e ao mesmo tempo preocupante, do fazer sociológico com o surgimento de universidades públicas e privadas que têm em suas estruturas curriculares o Curso de Licenciaturas em Sociologia como um desafio para os novos tempos. Tanto que, os estudantes universitários em Angola nos seus mais

variados níveis do Ensino Superior no século XXI, não devem ser nutridos com saberes curriculares do século XX, de modo a não ridicularizarmos o ofício de sociólogo e a sua prática no cotidiano da vida social.

Assim, a presença da Sociologia no rol da sociedade angolana e nas suas universidades, implica desenvolver argumentos e conhecimentos que venham desconstruir e construir saberes sociológicos que tragam no seio da política, da economia e das relações sociais novos paradigmas do pensamento social angolano refletido no fazer cotidiano numa Angola do século XXI que permita a progressão intelectual do indivíduo na produção de saberes sociológicos, e a criação de uma consciência crítica do fazer e do pensar a Sociologia nos *musseques* e *guetos* do país.

Tanto que, ao longo destes últimos anos vários foram os sociólogos de ofício ou não que se formaram em Sociologia dentro e fora de Angola, e não vemos neste sentido, um direcionamento satisfatório da Sociologia em Angola tal como desejemos do ponto de vista de produções acadêmicas, disponibilidade de referências bibliográficas e científicas nas suas mais variadas áreas do saber sociológico angolano na estrutura local e global. Para tanto, é preciso repensar o direcionamento desta sociologia que forma profissionais de Sociologia, mas que no campo de ação estes não são tidos nem achados. Tanto que isto nos levaria a questionar, o que seria a Sociologia em Angola? Que tipo de Sociologia temos nos *musseques* e *guetos* numa Angola do século XXI? Como esta Sociologia pensa a realidade e o cotidiano social destes *guetos* e *musseques*?

“[...] Essas são questões cruciais que abrem novas frentes de reflexão e de pesquisa, bem como desafios teórico-metodológicos para a área de pensamento social [...], cujas diferenças e relações de continuidade com outras especialidades acadêmicas, como a sociologia do conhecimento, da cultura ou a teoria social, ou as teorias culturais e simbólicas, passam a ser, então, mais sistematicamente problematizadas e exploradas” (SCHWARCZ e BOTELHO, 2011, p.13).

No entanto, para (re)pensarmos a Sociologia em Angola e nos seus *musseques* e *guetos*, é primordial entender primeiro, “por que produzimos consentimento intelectual, para que possamos quebrar essas barreiras e motivar uma nova geração a desenvolver as asas para voar” (FALOLA, 2006, p.108), e produzir saberes que interessem a realidade acadêmica local e global ao em vez de termos profissionais de diplomas empoeirados intelectualmente e os engratados por encomenda da bajulação, do *status quo* e do poder.

Tanto que, se existe a realidade social angolana é natural que os intelectuais angolanos dentro e fora dela se preocupem e tentem interpretar e explicar os fenômenos e os factos desta

realidade dia à pós dia (LOPES, 2008), ao em vez de ludibriar ideologicamente os fenômenos e factos sociais que circundam os *musseques* e *guetos* no seu dia-a-dia e de diversas formas. Pois que, a “ideologia é uma representação, não é realidade” (...) “Os intelectuais africanos devem posicionar-se na linha de frente dessa leitura crítica” (CARLOS LOPES, 2008, p. 50), que no linguajar de Manuel (2016),

quem tem interesse pelos fenômenos coletivos dificilmente pretende abandoná-los, a não ser que seja um destes aventureiros que cada vez mais se manifestam que não pretendem nada mais que um diploma esvaziado para adquirirem um *status* que pouco tenha a ver com o campo científico (MANUEL, 2016, p.17).

Assim, os acadêmicos angolanos na área de sociologia precisam lidar com as burocracias da transformação da realidade científica dos *guetos* e *musseques* de modo a ressignificar as estruturas sociais científicas do país impostas ao poder repressivo da economia, do *status quo*, da política e da bajulação aos atropelos brutais do fazer autônomo e do pensar científico de modo independente e individualizado. Entretanto, precisamos a nível local, e se atendo as especificidades caracterizadoras dos *guetos* e *musseques* do país “mais dissidentes, mais críticos, mais não conformistas cujo estudo vigoroso será consumido. O que o consentimento social faz é alinhar o estudo a sistemas estatais exploradores, através de relações desiguais e instituições excessivamente patriarcais” (FALOLA, 2006, p.108). Tanto que, o “pensamento sociológico em Angola anda tão disperso e a viver um período de recepção acrítica de tudo o que nos chega à mão” (MANUEL 2016, p.17).

Neste sentido, deve haver a nível dos *musseques*, *guetos* e *bandas*<sup>19</sup>, uma diferença acadêmica do fazer sociológico enquanto ofício com a atividade política do sociólogo ao serviço do poder, da política e da repressão ideológica. Deve haver em toda a estrutura científica angolana, um pensamento diferenciado do fazer política como atividade diária da ação política para partidos políticos ideologicamente constituídos por uma ideologia lógica própria de governação e de desgovernação científica com a produção científica sociológica, com a produção de saberes que tragam para as academias médias e superiores um reflexo real e observável da realidade social do país construído a partir de um Pensamento Sociológico próprio da realidade cotidiana de Angola contemporânea.

Assim, a investigação científica em Sociologia e nas áreas a fim, deve ater-se em fazer e a pensar os processos sociológicos analíticos como o quadro abaixo nos mostra de modo a

---

<sup>19</sup> A palavra *banda* é aqui entendida como a designação do bairro ou rua, expressando assim o seu sentimento de pertença ao bairro ou rua.

distinguir o ofício do sociólogo e a atividade política do sociólogo ao serviço de ideologias do poder político angolano.

**Quadro 3 – Sociologia em Angola**



Fonte: Elaboração própria.

No entanto, a atividade do sociólogo político no seu dia-a-dia, é totalmente diferente da atividade sociológica do fazer e do pensar do profissional de Sociologia em função da natureza da sua atividade e dos desafios que se lhe são impostos pelas circunstâncias que envolvem o mundo de suas intervenções no rol da realidade sociológica local, bem como a produção de saberes. Para tanto, a Sociologia angolana e o ofício de sociólogo precisa se firmar no sentido de transformação de um todo social politizado, despido de dissabores ideológicas típico de sociólogos encomendados pela intelectualidade de diplomas empoeirados, pela bajulação, pela política e pelo poder. Portanto, precisa-se um círculo contínuo de transformação total do fazer a Sociologia fora do “faz de conta” e do “jeitinho”.

E é justamente neste sentido que, Manuel (2016, p.16-17), sustenta que,

(...) precisa-se de uma transformação radical da sociologia em Angola. Despida de gravatas, incompetências, falsidades e hipocrisias, a sociologia tem de estar cada vez mais na academia e na rua. (...) a batalha por uma

sociologia cada vez mais científica em Angola ainda tem longos e infelizes anos de vida. (...) não a uma ciência do "faz de conta" das agendas programáticas curriculares, teórica, e sim para uma sociologia transformadora, crítica, competente e programática.

E no entanto, Falola, (2006, p.118) vai mais além ao sustentar que “todas as disciplinas devem desenvolver um conjunto de objetivos coerentes; mas esses objetivos não podem ser permanentes” de modo a puder demonstrar de forma clara e concisa entre sociólogos de ofício e sociólogos da política a existência de um compromisso incorruptível da Sociologia com a realidade social dos *guetos* e *musseques*, bem como a compreensão do todo social complexo que envolve os sujeitos do mundo social, e a existência de um possível efeito que progrida para ações que ressignifiquem a Sociologia e a produção de saberes locais na área.

Pois, vivemos num país de ressignificação contínua da Sociologia e das Ciências Sociais para o mercado de trabalho ou para política onde as leituras astutas das estruturas de privilégio e do poder, carregam a responsabilidade da produção e do saber negligenciado pela bajulação do “ter” e de gabinetes (FALOLA, 2006). Essa ressignificação da Sociologia em Angola, é, no entanto, pedir que a Sociologia angolana sirva e direcione os seus interesses ao poder fortemente exercido sobre o profissional da Sociologia enquanto promotor da atividade do mundo social e da ação sociológica do pensar e do fazer a Sociologia, o cotidiano social visto a partir do ofício de sociólogo.

Pois que Bourdieu, (2019, p.30) afirma que,

quando melhor a Sociologia cumpre a sua função propriamente científica, mais chances ela tem de decepcionar ou de contrariar os poderes. Esta função não é de servir para alguma coisa, isto é, a alguém. Pedir a Sociologia que sirva para alguma coisa é sempre uma maneira de lhe pedir que sirva ao poder. Ao passo que a sua função científica é compreender o mundo social, a começar pelo poder.

A Sociologia que serve ao poder é aquela sustentada pela atividade política (sociólogos da atividade política), e a estes, chamamos de “sociólogos da bajulação”, “sociólogos do ter e do *status quo*”, “sociólogos do poder”, “sociólogos engravatados” e “sociólogos de gabinetes ou por encomenda” por não servirem os objetivos do pensar e do fazer sociológico necessário para a construção da cientificidade sociológica da realidade social e cotidiana do país, do *gueto* e dos *musseques*. Pois, estes servem apenas a vontade política individual aqui estão filiados enquanto atores da política ativa, mostrando assim o seu desinteresse ao cumprimento da função social da Sociologia e a compreensão da sua cientificidade.

Tanto que, para Falola (2006, p.108),

a maneira pela qual produzimos consentimento social e conformidade intelectual é algo com que precisamos nos preocupar. As ambições de acadêmicos – por cargos universitários, poder e riqueza – podem ser obstáculos graves aos próprios indivíduos gananciosos, a nós e às Humanidades. Quem quer que esteja obcecado pelo poder também poderá estar obcecado pelo *status quo* e pela manutenção de sistemas estatais decadentes

Pois;

[...] os sociólogos passaram a uma especialização **política** prematura. Não se findaria de enumerar os casos os quais as divisões artificiais do objeto, na maioria das vezes segundo cortes realistas, impostas pelas fronteiras administrativas ou políticas, são o maior obstáculo à compreensão **da realidade social e científica do fazer sociológico** (Bourdieu, 2019, p.37, **grifos nossos**).

E a intolerância científica e a bajulação provocada pelo poder, passa a ser então o centro de observação de fatores internos e externos de restrição da liberdade acadêmica e científica no país (LOPES, 2008).

Tanto que se deve pensar a Sociologia, como um órgão condutor do fazer e do pensar sociológico que conduza o país para o desenvolvimento social seduzido pela Sociologia e pelo fazer sociológico. Precisamos trabalhar para uma Sociologia “teórico-prático” que reflita a realidade social do fazer e do pensar o cotidiano social do país fundamentado na formação da criação científica, metodológica e intervencionista, abrindo assim, oportunidades de obrigatoriedade do ensino da Sociologia no Ensino Médio e a sua consolidação no Ensino Superior para a construção de um pensamento social angolano refletido no *modus vivendi* do povo. E é justamente neste *modus vivendi* que o sociólogo enquanto profissional de Sociologia acrescenta o olhar social do país, do *gueto* e do *musseque*.

Por tanto, não queremos nós ser nem formar sociólogos de gabinetes, sociólogos da bajulação, nem de ternos (fatos), pois precisamos é de profissionais que se posicionem e sirvam a consciência coletiva e crítica da realidade social, formando saberes e posições que desconstruam o saber tradicional ocidental e colonial. Pois não queremos aquilo que Manuel (2016) chama de pensamento sociológico encomendado, que é aquele que “é feito por meio de assessorias e consultas, que são consultas através de entidades governamentais, organizações da sociedade civil e empresas”. Pois, “as normas e os valores no exercício da atividade científica são centrais na sociologia da ciência, na medida em que, a ciência é vista como uma instituição, (MORAIS, 2016, p.25). ” E no entanto, “é preciso hoje apropriar-se dessa contribuição de maneira lúcida, crítica e responsável ” (LOPES, 2008, p. 52).

Tanto que,

temos sociólogos mais para imprensa do que a produzirem conhecimentos susceptíveis de leitura especializada e científica, mais na administração que na fortificação de instituições de pesquisas credíveis, mais num monólogo que preocupados em dialogar de maneira construtiva com os seus pares (MANUEL, 2016, p.19).

Assim, é fundamental que os intelectuais tenham no seu dia-a-dia e no exercício do ofício da sua atividade, a capacidade de denunciar práticas antagônicas ao saber científico, ao mesmo tempo que os produtores científicos e acadêmicos não possam se esconder nas suas lucubrações datadas (LOPES, 2008).

E para Falola, (2006, p.108),

existe uma tendência a concordarmos rápido demais sobre diversas análises da sociedade, transformando alguns estudiosos e suas ideias em cânones, reprimindo opiniões contrárias, evitando riscos intelectuais, ensinando os mesmos paradigmas e as mesmas ideias em torno deles, repetidas vezes, e reciclando ideias mortas para novas gerações. Isto é morte intelectual e todos devemos admitir que as Humanidades, assim como as próprias universidades, estão passando por graves espasmos mortais.

No entanto, “o avanço da sociologia em Angola depende do que o contexto proporcionar, mas sobretudo da identidade e do interesse dos sociólogos em levar avante este desiderato” (MORAIS, 2016, p. 22). Tanto que, o olhar crítico e reflexivo das exigências da prática sociológica do sistema de ensino em Angola é fundamental para pensar e definir o rumo da Sociologia hoje (MOMA, 2016), de modo a evitarmos aquilo que Falola (2006) chama de riscos intelectuais.

Assim, Morais, (2016, p. 27) sustenta que,

as associações científicas enquanto instituição são um campo por excelência de desenvolvimento, promoção, regulamentação e produção científica, onde se podem abordar questões de cunho epistemológico, metodológico, teórico, organizacional e funcional da própria ciência.

Portanto, apesar de existir uma associação do gênero na área de Sociologia, continuamos ainda a observar lacunas no que tange a existência de saberes sociológicos de renome no país de modo a termos um pensamento social fundamentado no cotidiano da realidade social de Angola e das suas especificidades na construção de hipóteses empíricas de teorias puramente sociológicas no país, *guetos* e *musseques*.

#### 4 UM OLHAR À CONSTRUÇÃO DO PENSAMENTO SOCIOLÓGICO ANGOLANO

O Ensino da Sociologia para a construção de uma visão teórica do “Pensamento Sociológico Angolano” perpassa no investimento do capital humano, no desenvolvimento de sua ação reflexiva do social<sup>20</sup> e sobre o social, e no (re)posicionamento do fazer o social a partir de uma concepção do social enquanto espaço de construção de relações sociológicas complexas e contínua de uma Angola dinâmica. Pois que, a construção de conceitos e de conhecimentos que refletem a realidade social cotidiana nas ciências sociais, na Antropologia e em Sociologia, envolvem sempre o olhar atento às dinâmicas sociais e a experiência social (CONNELL, 2012).

Entretanto, o investimento da capacidade humana enquanto sujeito investigador, e instigador, do seu capital e do seu pensar sociológico-crítico ou não, deve constituir o elemento fundamental e essencial para a construção de um possível Pensamento Sociológico Angolano fundamentado e sustentado na interpretação empírica, teórica e analítica do cotidiano da realidade social ou da vida social enquanto objeto *sine qua non* das Ciências Sociais / Humanas e do ofício de sociólogo. Para tanto, é preciso compreender a sociedade, a “*banda*”, os “*guetos*” e “*musseques*”, o faz de conta, de *caxexe*<sup>21</sup>, a miséria, a política e a corrupção a partir do nosso próprio olhar, e construindo sobretudo, histórias de novas perspectivas epistêmicas do olhar local sobre o local. Tanto que, precisamos é sim de um Pensamento Social próprio e local, que fundamente teoricamente a realidade empírica observável nos *guetos* e *musseques* do país. Pois, “todo o ator social competente é em si mesmo um teórico social que rotineiramente faz interpretações do seu comportamento e das intenções, razões e motivos de outros que são fundamentais para a produção da vida social, (GIDDENS, 1993, p.174), e até porque o sociólogo é este ator social que por sinal é “ao mesmo tempo, sujeito e objeto do conhecimento sociológico” (BRESSAN, 2008, p. 8).

Assim, para a construção deste pensamento sociológico, não precisamos negar a existência do pensamento sociológico ocidentalista como tal, nem tão pouco como uma corrente do pensar o cotidiano a partir de uma visão do ocidental. Aliás, não se pode fazer uma Sociologia das condições sociais da produção da ciência nacional, local e autônoma, sem antes analisar ou estudar em primeira instância, as condições sociais da produção autônoma da

<sup>20</sup> Esta ação reflexiva do social e sobre o social, deve ser compreendida como a ação contínua do sujeito em posicionar-se e em pensar a produção da vida social cotidiana nos *guetos* e *musseques* enquanto um processo de construção teórica e empírica complexa. Pois, a teoria social é resultante desta análise reflexiva do social como um todo complexo e inacabado.

<sup>21</sup> A palavra de *Caxexe*, é o fingir em fazer alguma coisa de forma correta, fingir para ludibriar a opinião dos demais com a finalidade de não ser descoberto

“ciência” “colonial” e ocidental, (BOURDIEU, 2019), tanto que “uma ciência social adequada globalmente deve se preocupar com as formas tomadas pelo encontro colonial após a independência política” (CONNELL, 2012, p.13). Mas, para o quesito em causa, é, no entanto, fundamental, analisar o “Pensamento Sociológico Angolano” a partir de uma visão africana e fundamentada sobretudo pelos pensadores africanos e africanistas, e em particular dos angolanos formados nas mais variadas instituições de ensino no país ou não para (re)pensar e fazer jus a construção de um possível Pensamento Sociológico puramente local e refletido na ação do cotidiano social angolano, o que viria no entanto, a consolidar-se num futuro próximo como um campo vasto de saberes acerca da realidade social nacional dos seus *guetos* e *musseques* em diferentes âmbitos do pensamento social angolano,

Tanto que, os desafios contemporâneos das Ciências Sociais e da Sociologia nas sociedades locais, impõem-nos sobre a realidade complexa, uma leitura multifacetada do social, pluridisciplinar, global e sobretudo despojada de complexos científicos arcaicos, construindo novos intérpretes nativos da realidade social cotidiana que vão conectar a interpretação histórica de novas escolas à produção de saberes de um pensamento sociológico local, (LOPES, 1997). Pois, o que nós sustentamos hoje, é um convite “a revisão de anteriores visões, para ser necessariamente revisto amanhã”, no sentido de potencializar a ação humana na compreensão analítica e empírica da realidade social e local, penetrando assim, num mundo social que desperte nele descobertas de fenômenos novos e externos ou não ao indivíduo. Tanto que ele é parte inquestionável do objeto da ciência (LOPES, 1997, p. 24).

Assim,

para que ultrapassem suas necessidades e criem outras, compreendam sua própria existência e a realidade social, exercitem conjuntamente o poder em empreendimentos comuns, combatam a dúvida, a incongruência através das escolhas autônomas, expressem suas aspirações, seus sentimentos, compartilhem seus sonhos **vivenciados e experimentados nos modelos sociais do fazer social do seu cotidiano** (grifos nossos), (FURLANI, 2012, p.11).

Assim, a construção social do Pensamento Sociológico Angolano é no seu âmbito social, padronizado através de categorias que fundamentam as ideias aos saberes ontológicos. Pois, estes saberes ontológicos se destacam a partir de ensinamentos endógenos e exógenos do cotidiano perpassado pelos valores da ação reflexiva do pensar e do fazer o social angolano, - onde o “conhecimento do mais provável é o que torna possível, em função de outros fins, a realização do menos provável”, (BOURDIEU, 2019, p.48). Tanto que cada sociedade tem seus padrões, e as teorias sociais são ideologicamente configuradas no reflexo social da realidade

local e nativa. Pois, a realidade social angolana não se restringe no agora dos fatos, sendo que “as coisas não estão nunca prontas, acabadas, elas vão mudando na medida em que vão se aperfeiçoando, em que vão superando a contradição interna que existe em todas as coisas, pelo fato mesmo de não serem totais e acabadas” (GUARESCHI, 1986, p.26). E é assim que a sociedade se torna, no entanto, o palco fundamental das ações humanas do cotidiano (BRESSAN, 2008).

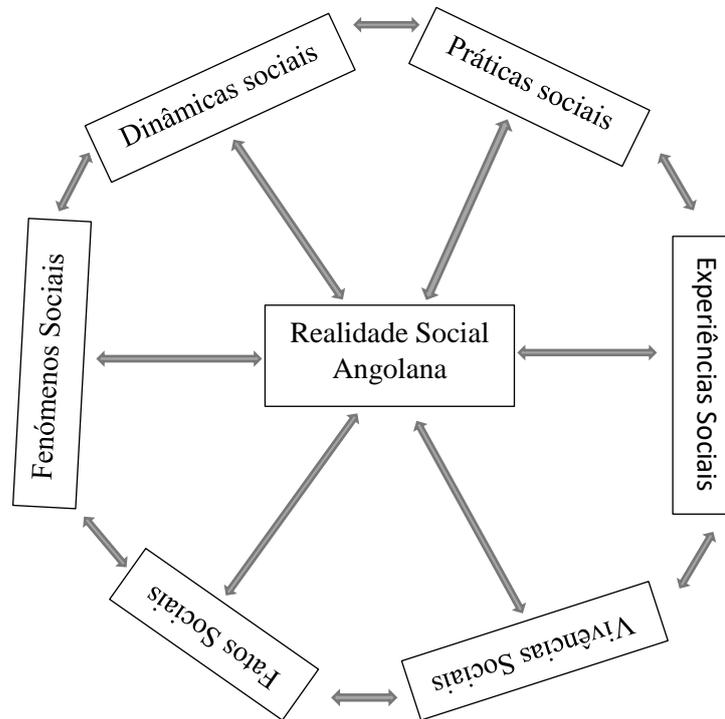
Para tanto, o conceito básico de Pensamento Social Angolano perpassaria hoje, numa conjuntura complexa de análise aos agentes que simbolizam a realidade social prática como forma de olhar analítico e imaginário do fazer e do pensar a angolanidade dos *musseques* e *guetos* representados na construção diária das relações sociais. Pois o pensamento Sociológico, nos mostra assim no seu cotidiano social do fazer e do pensar a realidade sociológica local, as condições objetivas que devem ser atendidas e observadas para que se exerça de forma precisa, a eficácia dessa ou daquela prática social (BOURDIEU, 2019).

Portanto, a dinâmica social, fatos e fenômenos, vivências e experiências sociais, são entes sociais locais que refletem a conjuntura social e realista dos *guetos* e *musseques*, fundamentados sobretudo na construção de um possível Pensamento Sociológico puramente local, e ao mesmo tempo, a desconstrução de saberes coloniais de que maior parte das instituições sociais reproduzem para pensar empírica e teoricamente a realidade local do Estado angolano e dos seus agentes sociais no cotidiano. Pois que, a ciência social, o pensar social, “pode dar voz aos marginalizados, pode fazer críticas das estruturas de poder, e pode circular ideias sobre novas possibilidades sociais, [...] o conhecimento científico-social é necessário, e é mesmo um componente chave para o autoconhecimento da sociedade.” (CONNELL, 2012, P.16).

Entretanto, é a teoria social local focada na realidade social e nos modos de produção da vida social dos *guetos* e *musseques*, que a ação reflexiva do social ocorre para a construção epistêmica do pensamento social angolano.

Assim, o quadro a baixo, mostra-nos como esta construção reflexiva do Pensamento Social Angolano se dá ou se daria no seu dia-a-dia, enquanto sistema social de interdependência determinado por fatos e fenômenos sociais diferenciados pelas dinâmicas sociais específicas de cada sujeito e agente da realidade social, ao mesmo tempo que demonstra que a teoria e a prática, são componentes de uma mesma estrutura social. E isto só se pode perceber, se a prática estiver “sob condição de dominar, pela análise teórica, os efeitos da relação com a prática que está inscrita nas condições sociais de toda a análise teórica da prática” (BOURDIEU, 2019, p. 69).

**Quadro 4** – Agentes de interdependência para a compreensão da realidade social.



Fonte: Elaboração própria.

Neste sentido, potencializar o conhecimento ideológico das sociedades africanas na perspectiva macro e contextualizar a construção de um pensamento social angolano atual e atuante do reflexo real dos *guetos* e *musseques*, constitui um desafio científico da ciência social local (estrutura social teórica e prática) que se encarrega na compreensão do fazer e do pensar as realidades sociais dos *guetos* e *musseques*.

com ele procuramos estimular a reflexão sobre, de um lado, as conquistas cognitivas do pensamento social como área de pesquisa e sua consolidação; e, de outro, sobre a abertura de novas frentes de investigação e o enfrentamento consistente de desafios mais recentes, teórico-metodológicos, que se colocam à área e às ciências sociais de uma maneira geral, (SCHWARCZ e BOTELHO, 2011, p.14).

Tanto que, “quanto mais avançada é uma ciência, mais o capital de saberes acumulados é importante e mais as estratégias de subversão e de crítica, quaisquer que sejam as suas ‘motivações’, devem, para serem eficazes, mobilizar um saber importante” (BOURDIEU, 2019, p.26). E é neste sentido, que segundo Giddens (1993, p.14), “todos os

actores são teóricos sociais, e tem de sê-lo para serem verdadeiros agentes sociais” que participam da ação social e da realidade social reflexiva do cotidiano.

Assim, “todos os sociólogos dignos desse nome concordam com um capital comum de conhecimentos adquiridos, conceitos, métodos e procedimentos de verificação (...) a partir de diferentes pontos de vista”, do ofício e da atividade sociológica de origem social propriamente dito, interrogando de forma precisa e contínua a construção diária do fazer e do pensar a realidade do pensamento social angolano, desencantando a prática da realidade social como Pierre Bourdieu nos mostra permanentemente nos seus mais variados escritos da Sociologia (BOURDIEU, 2019, p. 22).

Entretanto, o fascínio pelo percurso acadêmico, pela produção de saberes e pelo ofício da intelectualidade cotidiana dentro ou não de pequenos ou grandes grupos de estudos, círculos de debates ou redes diversas de pesquisas, são enxergados dentro da realidade social, como unidades essenciais que concebem e difundem o conhecimento dentro das estruturas sociais (SCHWARCZ e BOTELHO, 2011), e se assim não for dentro da nossa realidade social angolana, estaremos nós a reproduzir conhecimentos criados em um contexto ocidental, estrangeiro ou alheio para compreender a realidade social africana e em particular a realidade específica da estrutura estruturada e da estrutura estruturante da sociedade angolana no seu todo. Tanto que, só teremos “chance de compreender justamente as questões dos jogos científicos do passado se tivermos consciência de que o passado da ciência é uma questão das lutas científicas do presente” (BOURDIEU, 2019, p. 79). Tanto que “gerar descrições do comportamento social como tópico da análise Sociológica depende da imersão do observador” (GIDDENS, 1993, p.170) dentro da vida social e da realidade cotidiana dos *guetos* e *musseques*.

Assim, para a (re)construção de saberes epistemológicos do pensamento sociológico puramente angolano, é fundamental (re)pensar inclusive o sistema de ensino angolano e a estrutura curricular que sustenta a base do sistema educativo para o ensino da Sociologia e da pesquisa no país, revendo, no entanto, as diretrizes gerais do sistema educativo e da pesquisa científica. Tanto que, só é possível abster-se do eurocêntrismo, do saber externo e da dependência científica se apostarmos na produção de saberes científicos que fundamentem e expressem o fazer sociológico do cotidiano e da realidade social de Angola a partir de uma perspectiva reflexiva continuada, e do social do país e dos seus agentes produtores de saberes.

Está ação continuada da atividade reflexiva dos saberes locais, implica no entanto, a aceitação do olhar diferente para a mesma coisa (Angola) complexa de um mundo não neutro dos sujeitos sociais, enquanto agentes construtores de relações recíprocas e complexas, de

relatos enquanto ação experimentada e vivenciada, de fatos e fenômenos do reflexo social angolano, mostrando deste modo, todos os elementos sociais que forneçam novas cosmovisões ou explicações indubitáveis da realidade social da sociedade angolana, das suas particularidades sociais, políticas e econômicas, fundamentadas num todo Pensamento Sociológico Angolano enquanto ramo do saber científico adotado como referencial teórico que produz e reproduz o retrato da sociedade angolana em partículas complexas dos mais variados ramos das ciências sociais, orientadas para a construção de raciocínios e arcabouços teóricos resultantes da análise empírica da realidade social observável dos *guetos* e *musseques*.

Tanto que,

toda ciência deve explicar, com os seus próprios meios, o maior número de coisas possíveis, inclusive coisas que sejam aparentemente ou realmente explicadas por outras ciências. É nessa condição que ela pode fazer para as outras ciências – e para si mesma – verdadeiras perguntas, e destruir explicações aparentes ou colocar claramente o problema da sobre-determinação (BOURDIEU, 2019, p. 46).

Assim, tanto a construção de saberes quanto a construção de um possível Pensamento Sociológico Angolano, dão-se numa relação de simultaneidade de compreensão da realidade social dos *musseques* e *guetos*, dos seus agentes e atores sociais.

Portanto, cogitar a possibilidade de um possível “Pensamento Sociológico Angolano”, implica ter ciência do exercício da ação reflexiva de construção de condições sociais da ciência conduzida pelo campo autônomo da estrutura teórica e prática exercida sob análise empírica da realidade social e cotidiana dos *guetos* e *musseques* que forma o todo complexo angolano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino das Ciências Sociais em Angola e na África lusófona (os PALOPs), é de fato uma realidade contemporânea, mas que traz consigo variadíssimas lacunas em todos os seus âmbitos da estrutura social, política, econômica e científica do continente e do país, como em qualquer outro Estado do mundo. Assim, a sua discussão, envolve, no entanto, especificidades particulares do pensar e do fazer cotidiano visto a partir de um mundo social construído pela teoria empírica da observação da realidade social do dia-a-dia.

Tanto que, discutir o Ensino das Ciências Sociais e da Sociologia de modo particular na África lusófona, ou se preferirmos nos PALOPs, e no caso concreto em Angola, constitui-se ainda num desafio complexo da modernidade que implica o confronto teórico e prático do fazer a realidade social e epistemológica com a produção de saberes autônomos e autóctones da

Ciência, intensificando assim estudos minuciosos e profundos da Sociologia em África e para África.

Neste sentido, a sua efetivação como tal (sem lacunas) na esfera do fazer o social e construir novos paradigmas teóricos e práticos do saber, é fundamental que a Sociologia proporcione aos académicos e cientistas sociais o seu verdadeiro papel, criando no indivíduo uma consciência coletiva e crítica sobre a sociedade em que este habita.

Pois, a produção do conhecimento dá-se numa relação simultânea entre a compreensão da realidade social do país e a indagação dos desafios da atividade sociológica do indivíduo no seio social, formando, no entanto, saberes e posições que desconstruam o saber tradicional e colonial sobre o ensino das Ciências Sociais em Angola e possibilitem ao mesmo tempo, a formação ou construção de um possível Pensamento Sociológico propriamente angolano.

Portanto, a construção de uma teoria do pensar a Sociologia em Angola e do pensamento social propriamente angolano perpassa no investimento do capital humano enquanto profissionais da Sociologia e no desenvolvimento da sua ação reflexiva sobre o pensar sociológico e o fazer teórico e empírico do social. Tanto que é o social que forma o objeto da Sociologia.

E nestes termos, temos em Angola, a presença da Sociologia como uma componente optativo em todos os campos do saber da formação média (ensino médio) nos cursos de Ciências das Artes, Ciências Físicas e Biológicas, Ciências Humanas e Ciências Económico-Jurídicas) e uma presença de 26% nas Instituições de Ensino Superior (IES) no país. Esta presença tímida da Sociologia no país, é, portanto, responsável, pela formação de quadros em Sociologia para o exercício do ofício de sociólogo fora de gabinetes e das mídias por encomenda.

Contudo, é fundamental construirmos em Angola, um conceito próprio e inovador de Sociologia e das Ciências Sociais, de modo a refletirmos empírica e teoricamente a realidade social dos *guetos* e *musseques* que formam o substrato social do Estado angolano no seu todo.

## REFERÊNCIAS

- AKE, Claude E. **Ciência Social como imperialismo**. In: O Resgate das Ciências Humanas e das Humanidades através de Perspectivas Africanas. - Helen Lauer e Kofi Anyidoho (organizadores). Vol. I, Brasília – FUMAG, 2016.
- BOURDIEU, Pierre; tradução de Fábio Creder. **Questões de Sociologia**. - Petrópolis, RJ: Editora Vozes Ltda. 2019.
- BRESSAN, Suimar João. **Fundamentos das ciências sociais**. Ed. Unijuí, 2008. – 122 p. – (Coleção educação a distância. Série livro-texto). Ijuí, Rio Grande do Sul, Brasil. ISBN 978-85-7429-661-6.
- CARDOSO, Carlos. **Os desafios da pesquisa em Ciências Sociais e o papel das organizações acadêmicas regionais em África**. IN: 1.º Seminário sobre Ciências Sociais e Desenvolvimento em África. Iolanda Évora e Sónia Frias (coord.). Edição 2011 - CEsa. ISBN: 978-989-96473-1-2
- CARVALHO, Paulo de. « **Evolução e crescimento do ensino superior em Angola** », *Revista Angolana de Sociologia* [Online], 9 | 2012, posto online no dia 11 dezembro 2013. Disponível em <http://journals.openedition.org/ras/422>; DOI: <https://doi.org/10.4000/ras.422>. Acesso: 25 abr. 2020
- CONNELL, Raewyn. Tradução de João Maia. **A iminente revolução na teoria social** [Acesso em: 19 jan. 2021]. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbsoc/v27n80/v27n80a01.pdf>
- DURKHEIM, Émile. **As Regras do Método Sociológico**. São Paulo: EDIPRO, 2012.
- Educação Md, INIDE. **Currículo do 2.º Ciclo do Ensino Secundário Geral**. 3. ed. Luanda: Editora Moderna, S.a.; 2013a. 34 p.
- \_\_\_\_\_. **Programa de Sociologia - 11ª e 12ª Classe**. 2. ed. Luanda: Editora Moderna, S.a., 2013b. 27 p. 27 f.
- FALOLA, Toyin. **Nacionalizando a África, culturalizando o Ocidente e reformulando as humanidades na África**. In O Resgate das Ciências Humanas e das Humanidades através de Perspectivas Africanas. - Helen Lauer e Kofi Anyidoho (organizadores). Vol. I, Brasília – FUMAG, 2016
- FURLANI, Lúcia M. Teixeira. **Autoridade do professor: meta, mito ou nada disso? - 9ª Ed.** São Paulo: Cortez Editora, 2012.
- GIDDENS, Anthony. Trad. António Escobar Pires. **Novas regras do método Sociológico: uma crítica positiva às Sociologias interpretativas**. 2ª Ed. Editora Gradiva – 1993. Lisboa.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas: 2010.
- GUARESCHI, Pedrinho. **Sociologia Crítica: alternativas de mudança**. – 8ª Ed. Edições mundo jovem. Porto Alegre; 1986.

HERNANDEZ, Leila Maria Gonçalves. **A África na sala de aula: Visita à História Contemporânea**. São Paulo – Selo Negro, 2005. ISBN 85-87478-25-7.

HOUNTONDJI, Paulin J. **Conhecimento de África, conhecimento de Africanos: Duas perspectivas sobre os Estudos Africanos**. - Revista Crítica de Ciências Sociais, 80, março 2008: 149-160.

LAUER, Helen e ANYIDOHO, Kofi. **O Resgate das Ciências Humanas e das Humanidades através de Perspectivas Africanas**. (Organizadores). – Brasília: FUNAG, 2016.

LOPES, Carlos. **África e os desafios da cidadania e inclusão**. Clio - Série Revista de Pesquisa Histórica - N. 26-1, 2008.

LOPES, Carlos. **Compasso de espera: o fundamental e o acessório na crise africana**. Edições Afrontamento/ Rua Cosa Cabral. – Porto. 1997. - ISBN: 972-36-0443-4.

INE. LUANDA-ANGOLA. INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. (Org.). **População Projectada Por Grupos Etários Segunda a Área de Residência e Sexo - Angola 2020**. 2020. Disponível em: <[https://www.ine.gov.ao/images/Projeccao\\_Populacao\\_2020.pdf](https://www.ine.gov.ao/images/Projeccao_Populacao_2020.pdf)>. Acesso em: 29 jan. 2020.

MACAMO, Elísio. **A CONSTITUIÇÃO DUMA SOCIOLOGIA DAS SOCIEDADES AFRICANAS**. [S.I.]. 2012. Disponível em: <https://www.docsity.com/pt/aconstituicaodumasociologiadassociedadesafricanas-elisio-macamo/4898586>. Acesso: 14 dez. 2020

MANUEL, Adérito. **Sociologia, Ensino e Prática (livro online)**. Luanda, setembro de 2016. Disponível em: <<http://isced.ed.ao/noticias-e-eventos/2016/12/01/sociologia-ensino-e-praticalivro-online/>>. Acesso 28 ago. 2019.

MOMA, Guilherme Mateus. **Sociologia, Ensino e Prática (livro online)**. Luanda, setembro de 2016. Disponível em: <<http://isced.ed.ao/noticias-e-eventos/2016/12/01/sociologia-ensino-e-praticalivro-online/>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

MORAIS, Filipe Calunga. **Sociologia, Ensino e Prática (livro online)**. Luanda, setembro de 2016. Disponível em: <<http://isced.ed.ao/noticias-e-eventos/2016/12/01/sociologia-ensino-e-praticalivro-online/>>. Acesso em: 28 ago. 2019.

PIMENTA, Carlos; KAJIBANGA, Victor. **Epistemologia dos Estudos Africanos**. [S.I.: ca. 2019]. Disponível em: <[https://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/textos/pdf/EEA\\_V2.pdf](https://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta/textos/pdf/EEA_V2.pdf)>. Acesso em: 26 dez. 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: FEEVALE, 2013.

SCHWARCZ, Lilia Moritz e BOTELHO, André. **Pensamento social brasileiro, um campo vasto ganhando forma** [internet]. Lua Nova, São Paulo; 2011. [Acesso em: 08 jan. 2021]. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ln/n82/a02n82.pdf>

SILVA, Teresa Cruz e. **O Lugar das Ciências Sociais Como Motor de Mudança: o caso de Moçambique**. [S.l.]. 2015.

SILVA, Teresa Cruz e; COELHO, João Paulo Borges; SOUTO, Amélia Neves de. **Como Fazer Ciências Sociais e Humanas em África: Questões Epistemológicas, Metodológicas, Teóricas e Políticas**. Dakar: Codesria, 2012. 272 p. (ISBN: 978-2-86978-505-2). [S.l.: s.n.]..

## DOCUMENTOS CONSULTADOS

Angola Jd. **Dez universidades e 45 institutos legais** [internet]. Luanda - Angola; 2018. [Acesso em: 03 jul. 2020]. Disponível em: [http://jornaldeangola.sapo.ao/sociedade/dez\\_universidades\\_e\\_45\\_institutos\\_legais](http://jornaldeangola.sapo.ao/sociedade/dez_universidades_e_45_institutos_legais)

BARBANTE. **LISTAGEM DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR PRIVADAS RECONHECIDAS** [internet]. Luanda - Angola; 2019. [Acesso em: 03 jul. 2020]. Disponível em: <https://barbante.blogs.sapo.ao/listagem-das-instituicoes-de-ensino-17257>

Gazeta N. **Lista das IES privadas legalizadas** [internet]. Luanda - Angola; 2019. [Acesso em: 03 jul. 2020]. Disponível em: <https://www.novagazeta.co.ao/artigo/1001>

GOVERNO DE ANGOLA. **Plano de Desenvolvimento Nacional 2018-2022**. Vol. I. Ministério da Economia e Planeamento, Abril de 2018.

HUKALILILE. **Instituições de Ensino Superior privado Reconhecidas em Angola** [internet]. Luanda - Angola; 2012. [Acesso em: 03 jul. 2020]. Disponível em: <https://cangue.blogspot.com/2012/01/instituicoes-de-ensino-superior-privado.html>

Mescti.gov.ao. **Quadro Legal das IES Privadas - Ano Académico 2020** [internet]. Luanda - Angola; 2020. [Acesso em: 03 jul. 2020]. Disponível em: <https://www.mescti.gov.ao/verlegislacao.aspx?id=2408>

VISENTINI, Paulo Fagundes. **As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia**. São Paulo, SP. Ed. Unesp, 2012.